



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
BACHARELADO EM PRODUÇÃO E POLÍTICA CULTURAL**

HELENA BEATRIZ COSTA DE OLIVEIRA

OGÃS DE CANDOMBLÉ MÚSICOS E MÍSTICOS: apontamentos sobre cultura afro-brasileira e religiosidade na formação do produtor cultural

Jaguarão/2017

HELENA BEATRIZ COSTA DE OLIVEIRA

OGÃS DE CANDOMBLÉ MÚSICOS E MÍSTICOS: apontamentos sobre cultura afro-brasileira e religiosidade na formação do produtor cultural

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado como requisito parcial à obtenção de título de bacharel em Produção e Política Cultural da Universidade Federal do Pampa, Campus Jaguarão. Orientador: Prof. Ms: Everton Fêrrêr De Oliveira.

Jaguarão

2017

HELENA BEATRIZ COSTA DE OLIVEIRA

OGÃS DE CANDOMBLÉ MÚSICOS E MÍSTICOS: apontamentos sobre cultura afro-brasileira e religiosidade na formação do produtor cultural

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Produção e Política Cultural da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de bacharel em Produção e Política Cultural.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: ____/____/____.

Banca examinadora:

Prof. Me: Everton Fêrrêr De Oliveira
Orientador
Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)

Profa: Dra: Marilú Angela May
Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)

Ms: Yuri Miguel Macedo
Universidade Federal Fluminense

FICHA CATALOGRÁFICA

De Oliveira, Helena Beatriz Costa. OGÃS DE CANDOMBLÉ MÚSICOS E MÍSTICOS: apontamentos sobre cultura afro-brasileira e religiosidade na formação do produtor cultural/ Helena Beatriz Costa de Oliveira. – Universidade Federal do Pampa, Jaguarão, 2017. N.ºf.

Orientador: Everton Fêrrêr de Oliveira. TCC (Graduação em Produção e Política Cultural) – Universidade Federal do Pampa, 2017.

2.1. Cultura Popular, Sociedade e Religiosidade. 2.2. Formação Musical e Religiosidade. 2.3. Política Cultural e Cultura Afro-brasileira.

Dedico este texto para todos os religiosos que permitiram que este evento e este texto de conclusão de curso se torna-se possível, tendo a união como aspecto necessário para mostrar sua cultura. Gratidão e axé a todos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço este texto de conclusão de curso primeiramente aos povos de terreiro, onde tive uma vivência desde criança, onde participei desde os oito anos na nação Cabinda, onde recebi iniciação em umbanda e quimbanda, onde pude ter uma carga de conhecimentos passados oralmente, mesmo o Candomblé sendo outra nação religiosa de cultos afro-brasileiros me proporcionou como pesquisadora ter acesso à casa desta nação possibilitando construir este projeto aplicado.

Agradeço aos médiuns e a espiritualidade do terreiro ao qual vou em Jaguarão-RS, onde sempre busquei suporte espiritual, aspecto muitas vezes desconsiderado no meio acadêmico na compreensão da totalidade humana, nesse espaço a ajuda e aconselhamentos para que eu seguisse da melhor forma possível, desviando os obstáculos que apareceram em meu caminho e me fazendo enxergar e dar valor aos que iriam me ajudar.

Agradeço ao terreiro de Candomblé do Tata Jeam D Nkosi que abriu as portas para que pudesse realizar esta proposta, me dando todo o suporte necessário para que conseguisse trabalhar, propor e realizar com a temática Candomblé, agradeço o Ogã Jeam Junior por sua apresentação de toques que foi essencial para o que o público entendesse que dentro desta religiosidade africana existe uma cultura rica transmitida dentro da roça de Candomblé, a Tata Nany de Matamba pelo axé na abertura das atividades e em especial agradeço ao Ogã Luis por ter aceito fazer parte desta proposta mesmo não podendo comparecer, mas que foi de suma importância me conseguindo seu substituto, o Pejigan Vagner Stagnata o qual vai meu sincero agradecimento por ter me abrigado no último momento e explanando de forma brilhante sobre a cultura religiosa.

E agradeço aos docentes da Universidade Federal Do Pampa que me propiciaram as condições de poder ter preparo firmeza, segurança de propor um evento deste porte e poder levar até o fim com a certeza que na produção cultural devemos estar prontos para eventualidades e achar soluções quando se tornar necessário. O meu agradecimento especial vai para meu amigo e orientador Everton Fêrrêr De Oliveira, do qual fui bolsista por dois anos e tive uma vivência e troca de experiências que, com certeza, vai me deixar saudades.

Agradeço aos discentes que trabalharam nesta proposta propiciando que se realizassem de forma eficiente Géssica Campos, Júlio Félix, Manoela Renata, Adriana Martins, Lisiane Guillard, Gabriel Patrick, Juliana Storniolo e Bayard Cardoso que sem a colaboração destes não seria possível um evento tão agradável.

Agradeço aos povos de terreiros e os discentes da universidade citada, que se fizeram presentes no momento do evento me oportunizando ter dados para esta construção acadêmica.

“Em nossas observações de práticas e ritos de seitas africanas em Pernambuco temos várias vezes notado o fato dos devotos tirarem botinas ou os chinelos antes de participarem das cerimônias; e em um terreiro que visitamos no Rio de Janeiro notamos a importância atribuída ao fato do indivíduo estar ou não pisando sobre velha esteira estendida no meio da sala. No centro da esteira, de pernas muçulmanamente cruzadas, o negro velho, pai-de-terreiro. Junto dele um alguidar com comida sagrada – toda picada dentro de sangue de galinha preta. Nas festas das seitas africanas que conhecemos no Recife – na dirigida por Elói, rapaz quase branco, de seus dezessete anos, criado por negras velhas, e na de Anselmo, negro de seus cinquenta anos, filho de africanos, que vai, frequentemente, à Bahia “no interesse da religião” - temos observado o fato de dançarem as mulheres com uma faixa de pano amarelo em volta do pescoço.” Gilberto Freyre (2003, p.396)

RESUMO

O presente trabalho apresenta e traz a análise da ocorrência de um evento que parte de um projeto aplicado denominado como **1º Encontro de Ogãs de Candomblé: músicos e místicos**, no espaço da Universidade Federal do Pampa, Campus Jaguarão-RS, no início do II semestre Letivo de 2017, compondo o Texto de Conclusão de Curso. O evento foi recortado pela religiosidade na cultura afro-brasileira. Os objetivos assentaram-se em reunir dados e informações para a área de Produção e Política Cultural por meio de um evento tematizado pela figura do ogã na cultura de Candomblé; Apresentando as nuances culturais presentes na figura do ogã de Candomblé; Possibilitando um espaço para problematizar as práticas culturais populares, em especial, sua musicalidade dentro da casa de Candomblé; Propiciando o debate sobre Cultura Afro-Brasileira, Religiosidade e a relação com a área de produção e política Cultural. Como metodologia, este trabalho traz aspectos destacados por Vogt (2006, p.24-25) no que tange a expressão cultural científica que é um aspecto cultural que abrange aspectos como sua produção científica, sua difusão na dinâmica social entre ensino e educação e sua divulgação em uma determinada sociedade, abrindo espaço para que os cidadãos façam suas relações críticas entre seus valores culturais, temporalidade e história. Como resultados, o Pejigan Vagner Scanagatta explanou sobre a cultura africana dentro do barracão de Candomblé, a formação dos cargos dentro do terreiro, onde trouxe a importância do cargo de ogã dentro destes espaços religiosos, mostrando que a musicalidade do ogã é o momento de ligação do homem com as divindades, nos trouxe a necessidade de abrir espaços onde possamos dialogar e mostrar que dentro da cultura afro-brasileira existem diversas nações onde cada casa cultua seus cultos específicos, com suas especificidades. O pai Jeam Chaves Da Silva, explanou trazendo ao debate as feitura específicas de um ogã dentro do terreiro, suas obrigações dentro da casa de Candomblé, deixando claro que o cargo de ogã existe somente no Candomblé, não existindo em outras nações de cultos africanos. Notei com todas essas colocações que o propósito de evento foi atingido tivemos acadêmicos e povos de terreiro, os palestrantes conseguiram explicar sobre as diferentes culturas vindas da África, com suas formas diferentes de cultua o sagrado, trouxeram coisas peculiares do Candomblé como os cargos e a importância de cada um, nenhum existindo sem o outro.

Palavras-chave:

Religiosidade Africana; Ogã; Candomblé.

ABSTRACT

The present work presents and presents the analysis of the occurrence of an event that starts from an applied project denominated as 1st Encounter of Ogãs de Candomblé: musicians and mystics, in the space of the Federal University of Pampa, Campus Jaguarão-RS, at the beginning of the second semester 2017 Lecture, composing the Course Completion Text. The event was cut by religiosity in Afro-Brazilian culture. The objectives were to gather data and information for the area of Production and Cultural Policy through an event thematized by the figure of the ogan in the culture of Candomblé; Presenting the cultural nuances present in the figure of the Ogã de Candomblé; Providing a space to problematize the popular cultural practices, in particular, its musicality inside the house of Candomblé; Promoting the debate on Afro-Brazilian Culture, Religiosity and the relationship with the area of production and cultural politics. As a methodology, this work has aspects highlighted by Vogt (2006, p.24-25) regarding the expression scientific culture which is a cultural aspect that covers aspects such as its scientific production, its diffusion in the social dynamics between teaching and education and its dissemination in a given society, opening space for citizens to make their critical relationships between their cultural values, temporality and history. As a result, Pejigan Vagner Scanagatta explained about the African culture within the shed of Candomblé, the formation of the positions within the terreiro, where he brought the importance of the ogman position within these religious spaces, showing that the musicality of the ogan is the moment of connection of the man with the deities, brought us the need to open spaces where we can dialogue and show that within the Afro-Brazilian culture there are several nations where each house cultivates its specific cults, with their specificities. Father Jeam Chaves Da Silva explained to the debate the specific duties of an ogan within the terreiro, his obligations within the house of Candomblé, making it clear that the office of ogan exists only in Candomblé, not existing in other African cults. I noticed with all these settings that the purpose of the event was achieved, we had academics and people from the terreiro, the speakers were able to explain about the different cultures coming from Africa, with their different forms of worshipping the sacred, they brought things peculiar to Candomblé as the positions and the importance of each, none existing without the other.

Keywords:

African Religiosity; The GA; Candomble.

LISTA DO VOCABULÁRIO/TRADUÇÃO DOS DIALETOS USADOS

Abassá = Terreiro

Adjá = Sineta metálica que pode ter até quatro campânulas acopladas

Alabê = Chefe dos tocadores de atabaque

Agiã = É toda pessoa que entra para a religião do candomblé, sendo também chamado de filho de santo, após ter passado pelo ritual de lavagem de fio de contas e o ebori. Poderá ser iniciada ou não, vai depender de o orixá pedir a iniciação. Só deixará de ser **abiã** quando for iniciada, passando a ser, então, um iaô

Angola = Pessoas ou coisas que vem da Republica de Angola

Angorosis = Reza (Angola)

Axogum = BA nos candomblés e na umbanda, ogã que sacrifica ritualmente os animais votivos; ogã de faca, mão de faca.

Banto = Pessoas que vem da localidade entre a África equatorial e a austral

Catiço = Entidades, exemplo preto velho

Dandalunga = Divindade do candomblé banto considerada a senhora da fertilidade e da lua

Decisa = Esteira

Lemba = São uma tribo da África Meridional, na qual acreditam ser descendentes dos judeus, o que foi comprovado por seu DNA

Eke di = Cargo feminino no Candomblé

Fon = Grupo étnico da África

Gaité = Responsável por tirar a cabeça do animal

Juntó = Divindade

Idé = Argolas geralmente de cor dourada ou prateada usadas nos "Ibás", ou seja, nos assentamentos dos "Santos" no Candomblé.

Inkice = Divindade

Jeje Marie = Nação de Candomblé

Lambendo = Ogã (Angola)

Le = Atabaque menor

Kanbondo = Ogã (Keto)

Ketu = Nação de Candomblé

Mãe-ekedi = Cargo feminino

Muzenza = No candomblé banto, tanto o noviço iniciado quanto o toque dos tambores ng'oma utilizado na saída dos iniciados

Ogã = Cargo masculino no Candomblé

Ogum = Divindade da guerra

Olorum = Deus

Oniré = Cidade africana

Osanhã = Divindade das folhas

Orixá = Divindade

Oxossi = Divindade da caça

Oxum = Divindade das águas doces

Oyá = Divindade das tempestades

Pai-ogã = Cargo masculino

Paó = É um gesto que serve como sinal de que se é preciso comunicar alguma coisa, mas não se pode falar, tipo de palmas

Pejigan = Cargo masculino no Candomblé

Roncó = Quarto de santo (yorubá)

Rum = Atabaque maior

Rumpi = Segundo atabaque

Sabaji = Quarto de santo (Fon)

Tata pokó = Pai da faca

kinbumdo = Pertence ao grande grupo de família das línguas africanas designada por "bantu"

Vodum = Força divina

Vunduncis = Filho de santo (Jeje cultura Fon)

Xanda = Cidade da África

Xambá = Oya/Iansã Orixá feminino dos ventos, das tempestades e do rio Níger que em yoruba significa Odò Oyá

Xangô = Divindade da justiça

Yjexá = É uma nação africana formada pelos escravizados vindos de Ilesa na Nigéria

Yemanjá = Divindade dos mares

Zambi = Deus

Fonte: google sites variados

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Dra: Marilú Angela May

Figura 2- Dra: Marilú Angela May, Pejigan Vagner Scanagatta e Jeam Chagas Da Silva

Figura 3- Pejigan Vagner Scanagatta

Figura 4- Jeam Chagas Da Silva

Figura 5- Público

Figura 6- Dra: Marilú, Pejigan Vagner, Helena De Oliveira, Jeam Chagas e Me: Everton De Oliveira

Figura 7- Ogã Jeam Junior

Sumário

INTRODUÇÃO	14
1. METODOLOGIA	15
2. REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1. Cultura Popular, Sociedade e Religiosidade	16
2.2. Formação musical e Religiosidade	18
2.3. Política Cultural e Cultura Afro-Brasileira	20
3. RESULTADOS E DISCUSSÕES	22
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48
ANEXOS	50

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta e traz a análise da ocorrência de um evento que parte de um projeto aplicado denominado como **1º Encontro de Ogãs de Candomblé: músicos e místicos**, no espaço da Universidade Federal do Pampa, Campus Jaguarão-RS, no início do II semestre Letivo de 2017, compondo o Texto de Conclusão de Curso.

O evento foi recortado pela religiosidade na cultura afro-brasileira. A intencionalidade residiu na proposição da realização de um espaço onde os elementos culturais e artísticos presentes na figura do ogã no candomblé fossem norteadores para reflexão no campo da produção e política cultural. Como conceitos principais destaca-se: Cultura popular, sociedade e religiosidade; formação musical e religiosidade; política cultural e cultura afro-brasileira.

Esta proposta foi realizada na universidade citada trazendo a comunidade de terreiro de Candomblé e as demais nações religiosas, presentes na localidade em questão, inserindo os povos de terreiro no ambiente da universidade, abriram novos espaços para que aconteçam diálogos sobre sua cultura com os profissionais envolvidos na área da Produção e Política Cultural existentes no referido local.

Os objetivos assentaram-se em reunir dados e informações para a área de Produção e Política Cultural por meio de um evento tematizado pela figura do ogã na cultura de Candomblé; Apresentando as nuances culturais presentes na figura do ogã de Candomblé; Possibilitando um espaço para problematizar as práticas culturais populares, em especial, sua musicalidade dentro da casa de Candomblé; Propiciando o debate sobre Cultura Afro-Brasileira, Religiosidade e a relação com a área de produção e política Cultural.

O evento foi organizado pela acadêmica autora deste texto acadêmico, com a orientação do docente Dndo: Everton Fêrrêr De Oliveira, tendo como equipe executora os acadêmicos de Produção e Política Cultural Jéssica Lucas Vieira Campos e Júlio César Félix Silva, responsáveis pela cobertura fotográfica do evento, equipe executora do curso de Licenciatura em Pedagogia, Lisiane Fernanda Guillardí, Adriana Martins responsáveis pelas inscrições, Gabriel Patrick Delgado e Manoela Renata responsáveis pelo coffee breaks, que garantiram que tudo acontecesse com perfeição.

1. METODOLOGIA

Este trabalho traz aspectos destacados por Vogt (2006, p.24-25) no que tange a expressão cultura científica é um aspecto cultural que abrange aspectos como sua produção científica, sua difusão na dinâmica social entre ensino e educação e sua divulgação em uma determinada sociedade, abrindo espaço para que os cidadãos façam suas relações críticas entre seus valores culturais, temporalidade e história. Identificamos como público alvo para esta proposta o povo de terreiro incluindo deste a nação de Candomblé, como as demais nações religiosas existentes na cidade em questão e nas demais cidades vizinhas, como Arroio Grande e Rio Branco no país vizinho Uruguai.

A atividade (projeto aplicado) propiciou coletarmos dados sobre a cultura afro-brasileira, a musicalidade, a religiosidade que envolve os Ogãs na casa de Candomblé, abriu diálogo com a área Produção e Política Cultural, curso presente na Universidade onde foi desenvolvida esta proposta.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CULTURA POPULAR, SOCIEDADE E RELIGIOSIDADE

O levantamento bibliográfico específico sobre cultura popular, sociedade e religiosidade nas religiões afro-brasileiras que estão presentes neste trabalho acadêmico, justifica-se pelo fato do trabalho dos ogãs acontecer dentro de espaços religiosos, onde suas praticas são uma manifestação da cultura popular nos espaços de manifestação da religiosidade de matriz africana.

De acordo com Arantes (2017, p. 7-8) a cultura popular nas ciências humanas não possui uma conceituação definida, possui diversos significados, heterogêneos, com diversas linguagens indo desde a negação dos saberes que estão sendo identificados ate formas de resistência contra a classe dominante, chamando atenção para aspectos tecnológicos, linguagens artísticas e tradições. O autor nos traz a importância de olhar que existem vários conceitos aplicados para cultura popular, nas ciências humanas que vão desde o negar os saberes identificados ate uma forma de resistência sobre a classe dominante, levando em conta a tecnologia, expressões da arte e fatos do passado como, por exemplo, as culturas afro-brasileiras.

De Mendonça (s.a., p.05) traz um aspecto *gramsciano* , que é a reemergência, trazida por Gramsci (nota de rodapé explicando quem é), sobre o conceito de Sociedade Civil, com o objetivo de levar em conta a complexidade da política e do poder político em Estados ocidentais capitalistas, comparando com os países autoritários do oriente. Para a autora o conceito de sociedade pensado por Gramsci está relacionado com a emergência e com todos os aspectos da sociedade incluindo politica e os poderes vindos da politica em países ocidentais ligados ao mercado em relação a locais onde voga o sistema autoritário dos países orientais.

Segundo Mandeli (2008, p. 12) aconteceram várias posições e tentativas de conceituar religião com um formato único abrangendo todas as religiões, permitindo que fossem comparadas, houve discordância por parte de adeptos de diferentes religiões, diante desta conjectura, pesquisadores estabeleceram que para estudar religiões é necessário estudá-las separadamente destacando os contextos culturais e históricos de cada uma. A autora nos destaca que não existe um conceito universal de religião, nos trazendo a importância de estudar, trabalhar cada religião de forma única, considerando os contextos históricos e culturais de cada uma, mostrando com isso que cada uma possui suas particularidades e especificidades.

De acordo com Bezerra (2011, p.2) na pré-história apareceram com o sepultamento, as ossadas, como sendo a mais antiga prática religiosa do homem e da mulher, a inumação mostra uma apreensão com a vida no pós-morte, os detalhes e adereços presentes nos túmulos nos reporta a tal inquietude. A autora nos traz uma visão da ligação da religiosidade do homem e da mulher com o ato do sepultamento, destacando adereços e detalhes que se encontram em algumas tumbas na pré-

história, mas esta informação não consta data precisa, contendo somente o período.

Para Mandeli (2008, p. 23) “As religiões africanas são tradicionais do continente Africano, baseiam-se em mitos e rituais que são repassados oralmente e transmitidos de geração em geração.” A autora coloca as religiões africanas como sendo compostas de rituais e mitos estes sendo passados de forma oral através das gerações, o Candomblé é uma das religiões que possuem sua origem no Continente Africano.

Araujo (2013, p. 14) nós traz a projeção histórica dos acontecimentos relacionados a religiosidade africana no Brasil datada na época em que o citado país ainda estava sob a tutela de colônia “As primeiras manifestações religiosas africanas em solo brasileiro (Brasil colonial) aparecem nos registros históricos (autos de processos, inquéritos policiais, documentos da inquisição, depoimentos de viajantes...) designados de CALUNDUS.” O autor apresenta um quadro onde aponta a data de 1646 como primeiro momento de encontro de elementos ligados a religiosidade em Porto Seguro, tais como tigela com água, folhas, tornozeleira com dentes de onça, facas, performances adivinhatórias, ligados a cultura vinda do Congo.

Para que o produtor cultural possa através do curso de Bacharelado em Produção e Política Cultural, trazer para a pauta os aspectos personagens de um determinado recorte cultural, aqui o ogã de candomblé se torna necessário que entenda como atuam estes sujeitos dentro de espaços de religiosidade, compreendendo suas práticas como uma manifestação da cultura popular na sociedade, para depois destas compreensões ter suporte e propor diálogos e fóruns, encontros, simpósios e demais espaços para trocas de saberes específicos dentro e fora da academia.

2.2 FORMAÇÃO MUSICAL E RELIGIOSIDADE

O levantamento bibliográfico referente à música nas religiões afro-brasileiras, presente neste trabalho acadêmico, justifica-se por dois motivos específicos. O primeiro se refere à participação da musicalidade durante os trabalhos e nos rituais religiosos dos ogãs. Em segundo lugar, o ogã recebe destaque no cumprimento dos ritos direcionados à música se compararmos com outras funções.

De acordo com Almeida (2014, p. 85-86) “O ogã é um especialista que domina determinados conhecimentos específicos, é portador de saberes especiais que conferem prestígio e o tornam objeto de fortes sentimentos sociais. Atribui-se a ele uma destreza e uma ciência incomum.” O mesmo autor traz ainda que o ogã tem que passar por rituais específicos para sua iniciação dentro da casa de Candomblé. O autor coloca o ogã em posição de destaque dentro do barracão sendo aquele que tem conhecimentos e especificidades nos seus rituais de iniciação para poder possuir este cargo específico.

Para Costa e Rocha (2013, p.5) o Pai-ogã coloca o tambor como sendo de suma importância para religião, traz o conjunto de instrumentos usados nos cantos, músicas cantadas pelas pessoas que frequentam o local, sendo três atabaques, duas congas e um maior, como acompanhamentos aparecem o triângulo, maracas ajudando o ogã no momento das giras. Os autores nos trazem a construção do conjunto dos equipamentos musicais na casa de matriz africana, destacando a importância do ogã que é o centro desta construção de musicalidade dentro destes espaços não tirando a importância dos demais músicos nas casas de Candomblé.

Segundo Costa e Rocha (2013, p. 8) o conhecimento musical dos frequentadores do espaço religioso não é existente em relação a estudo sistemático de música, tendo conhecimentos adquiridos dentro da casa de religião, sendo restrito a letra, melodia, se tratando do ogã ele teve ter conhecimento de como tocar cada instrumento musical, em se tratando da forma de aprendizagem o ogã revela que aprendeu dentro do terreiro observando o ogã da casa tocar. Para os autores o conhecimento musical dentro de locais ligados a religiosidade africana se dá de forma similar, aprendendo dentro do barracão as entonações que são usadas neste local específico, não possuindo formação musical, o ogã aprende dentro do próprio terreiro observando o mais antigo da casa.

Para De Almeida (2013, p. 70-71) “O “toque” não equivale à música como um todo, mas a uma estrutura presente na música. O Autor De Rezende et al. (2016, p.399) destaca a necessidade do tambor em espaços religiosos, sendo esta musicalidade considerada uma mediação e sustentação do momento do transe entre a espiritualidade e a materialidade. De maneira análoga, o termo “harmonia”, como utilizado na música ocidental, não corresponde à totalidade de uma música, mas a um componente da mesma.” O primeiro autor nos aborda o toque e a harmonia como sendo um

fator que faz parte da música, sendo produzidas pela musicalidade nas casas candomblecistas.

Conforme De Souza (2017, p. 11) “[...]os direitos culturais se referem às diferenças culturais e às respectivas formas culturais materiais e imateriais de expressão, bem como à relevância da convivência frutífera e respeitosa entre elas.” Conforme estas colocações os brasileiros devem estar prontos para trabalhar com uma infinidade de expressões culturais, levando em conta que a federação de 1988, traz as formas de respeitar os afazeres culturais, abrindo espaços para que as manifestações culturais sejam debatidas, colocadas em pauta, trazendo a necessidade do respeito mútuo entre as linguagens que estão em discussão em um determinado momento, como por exemplo, povos de terreiro.

O olhar acerca do estético presente nestes ritos permite compreender e estimular práticas no campo de ação do produtor cultural. É papel de este profissional atuar no sentido de abrir espaços de diálogo sobre a cultura e, neste projeto aplicado, nos apoiamos nos órgãos de candomblé a fim de mediar trocas de conhecimentos aliadas a necessidade de entender aspectos culturais presentes na religiosidade e musicalidade, compreendendo o perfil e suas especificidades na atuação dentro de espaços religiosos.

2.3 POLITICA CULTURAL E CULTURA AFRO-BRASILEIRA

O levantamento bibliográfico direcionado a legislação e suas relações com as religiões afro-brasileiras que compõem este trabalho acadêmico justifica-se por serem, na atualidade, locais onde a intolerância étnico-religiosa está presente necessitando desta maneira de visibilidade afim de promover a cultura e acenar pela necessidade de uma proteção maior do Estado sobre o direito de credo especialmente. Além disso, é de suma importância compreender, como destacado anteriormente, a discussão acerca de nichos e ampliação do público alvo que esta proposta envolveu sendo como a nação de Candomblé e as demais nações religiosas existentes na região meridional de nosso país e no país vizinho Uruguai.

Atentamos para a Constituição Federal Brasileira de 1988, no art. 215, estabelece que o “Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”. No mesmo sentido, a Carta Magna, no art. 23, inc. V, estipula como atribuição da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios “proporcionar os meios de acesso à cultura”. As leis brasileiras deixam claro o dever da Federação, dos municípios, dos Estados e do Distrito Federal de estimular, favorecer, reconhecer todas as formas de manifestações culturais nacionais, incitando formas e meios de acessos a estes bens culturais.

A Lei Federal 12.343/2010, traz as formas como deve ser instituído o PNC (Plano Nacional de Cultura) que rege o prazo entre os anos de 2010 e 2020, que traz em sua estrutura princípios ligados a diversidade cultural; cumprimento aos direitos humanos; livre expressão, geração e fruição; direito à recordação e às práticas; reconhecimento da cultura como setor do desenvolvimento sustentável; e acompanhamento e controle social nas formas e criações das políticas culturais que estarão ou estão sendo colocadas em prática. Nestas colocações sinto a ligação destes PNC com a cultura afro-brasileira e mais especificamente com o povo de terreiro que é alvo deste trabalho acadêmico.

Para Domingos (2010, p. 54) A liberdade religiosa e a liberdade de crença, trazem uma diferença que precisa ser apontada a liberdade religiosa traz a garantia legal de o sujeito ser livre para escolher a religião que considerar melhor para seu viver e a liberdade de crença ou de consciência é o direito legal de escolher entre crer ou não crer em um ser supremo ou seres colocados como supremos/divindades, realizando cultos ou não a partir de uma religião ou grupo ao qual pertence.

Lima (2010, p. 376) nos traz a necessidade de lançar o olhar sobre o direito humano fundamental que se comunica com o direito à liberdade religiosa, nos apontando o direito à identidade étnica, podendo ser colocado como o direito que um indivíduo possui de viver, preservar

e reproduzir sua cultura sem ser alvo de retaliação. Abrange particularidades como idioma, religião, modo de viver e organização social, possibilitando que esta pessoa pertença e se firme no grupo que quiser.

No Relatório do Desenvolvimento Humano (2004, p.01), gerado por diferentes índices relacionados ao perfil populacional, a abordagem sobre identidade étnica consta que “cada ser humano guarda uma relação muito forte com o grupo étnico a que pertence, com suas tradições, valores e cosmovisão. A essa relação de pertencimento dá-se o nome de “identidade étnica”, direito intimamente ligado à liberdade cultural, parte vital do desenvolvimento humano”. Nos colocando a importância do indivíduo ter pertencimento a um grupo que se relacione através de ligações com a tradição, com valores e com o cosmos, apontando a ligação com a liberdade cultural e está sendo trazida como parte do desenvolvimento do ser humano.

Como produtores culturais percebem tais informações no desenvolvimento de seu trabalho? Percebe-se que ainda no processo formativo são necessárias estas experimentações, pois demandamos compreender a necessidade de desenvolvimento regional e geração de serviços, por exemplo em se tratando de turismo Guillaumon (2011, p.14) nos traz a visão de que todo o “Turismo necessariamente implica experimentação cultural. Não existe turismo que não seja cultural.” O autor nos aborda a dimensão na qual o turismo e a cultura andam juntos, onde todo o turismo é uma manifestação cultural, sendo assim não há turismo distanciado da cultura.

O produtor cultural deve ter como obrigação buscar as relações demandas da sociedade com os objetos culturais e suas manifestações endêmicas no suporte as praticam culturais, suas manifestações locais e tensionamentos, onde é necessário suporte legal maior, para que através de suas atividades culturais possam mostrar seus saberes específicos, dialogando com a sociedade acerca desenvolvimento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O processo de organização se deu desde o início do primeiro semestre de 2017, no componente curricular denominado de Trabalho de Conclusão de Curso I (TCC I), em conjunto com o orientador determinamos o que eu produziria em todo o processo do meu trabalho de conclusão de curso. A elaboração do projeto e orientações técnicas e normativas foram ministradas pelo Prof. Dr: Jeferson Selbach que ao longo do semestre auxiliou na organização da minha proposta que foi apresentada ao grupo de discentes matriculados no componente. Neste espaço os discentes se auxiliam, compartilham seus “talentos” e consegui a equipe que fez a cobertura fotográfica do evento. Fiz minha primeira saída a campo, no terreiro de Candomblé de Tata Jean D Nkosi, situado na cidade de Jaguarão-RS, onde o mesmo me passou informações sobre o cargo de ogã dentro do barracão de Candomblé.

Depois deste momento comecei a trabalhar na escrita do projeto, onde o docente responsável pela disciplina passou o modelo de formatação de texto que seria pedido na disciplina, neste momento criamos (eu e o orientador) o projeto aplicado no formato de uma proposta de extensão nos moldes da universidade sede desta proposta.

No fim do I semestre voltei ao terreiro para novo contato, tentando desta vez conseguir pessoas para compor a mesa de debates, realizei contato via telefone com ogãs de cidades vizinhas, tentando uma data onde a agenda do indivíduo estivesse livre, pois são sujeitos que tem um agendamento de toques para todo o ano, contatei neste momento três ogãs ficando a espera de resposta para o dia seguinte, no outro dia consegui compor a mesa com o Ogã Luis que viria do Rio de Janeiro, fechei a programação do evento sendo composto de um dia de atividades, acompanhada de meu orientador definimos horários, data, local, equipe executora, equipe da cobertura fotográfica e os presentes na mesa de debates, o projeto foi submetido nesta época ao sistema institucional pois sendo uma proposta necessitaria certificar aos participantes.

No começo do segundo semestre de 2017, me matriculei componente curricular denominado de Trabalho de Conclusão de Curso II (TCC II), ministrada pelo mesmo docente da cadeira de TCC I, segui trabalhando na escrita do texto de conclusão de curso, aumentando o referencial teórico, neste momento começo a fazer o blog do referido evento, seguindo a risca seu cronograma de atividades, começo a fazer contatos com rádios de Jaguarão, Rio Branco-Uruguaí, terreiros e começo a fazer uma varredura nos grupos, blogs, sites que tratem da temática sobre religiosidade afro-brasileira, em Jaguarão-RS, Arroio Grande e Rio Branco-Uruguaí, fazendo convites para participar destes espaços cibernéticos a procura de meu público-alvo, antes da execução desta proposta fiz uma página de evento via facebook e cartaz de divulgação online e impresso.

Como forma de divulgação realizei convites via rádio em Jaguarão e Rio Branco-Uruguaí,

postei a página do evento em páginas do ciberespaço onde estivessem concentrados os povos de terreiro da região, neste prazo fiz o convite para a docente Dra: Marilú Angela Campagner May para ser mediadora da mesa representando a universidade e ela aceitou, na semana do evento coloquei cartazes na universidade onde aconteceu esta proposta, em saída de campo fui aos terreiros levar os cartazes do evento impresso, aproveitando a oportunidade e realizando o convite pessoalmente para o referido evento, conversando com os chefes dos locais.

Dia primeiro de outubro sou notificada via telefone que o Ogã Luis não poderá comparecer por motivos de saúde, fazendo retornar ao terreiro a procura de ogã para substituí-lo na mesa, procurando alguém que tivesse conhecimentos e que estivesse com a agenda livre para a data proposta, depois de várias voltas ao terreiro, diversos contatos tentados, o Ogã Luís me passa o contato do Pejigan Fagner Scanagatta, que pertence ao barracão de Pai Felix, na cidade de Rio Grande, este se disponibilizando a vir sanar a ausência de Ogã Luís, novamente tem todos confirmados para a realização de todos os que estiveram presentes no evento.

Na semana do evento entrei em diálogo com os funcionários da universidade, para deixar os espaços e equipamentos prontos a fim de evitar possíveis eventualidades, o setor responsável da instituição me acompanhou nesta etapa, conferimos auditório, caixas de som, microfones, baterias, projetor, cabos e todos os equipamentos que seriam usados deixando tudo no local com antecedência haja vistas que a proposta ocorreu em um sábado. Na terça-feira entrei em diálogo com chefia das servidoras terceirizadas que trabalham nesta universidade, conseguindo com ela todos os materiais que seriam usados nos coffee break. Destaco aqui a necessidade de, pelo menos, uma semana antes da realização de propostas de eventos no local, o contato, diálogo com os funcionários para que possam nos ajudar a não passar por transtornos na hora de realizar alguma atividade, procurando com tempo substituir o que não está funcionando, tendo tempo para deixar tudo em perfeita condição de uso.

Neste momento fui atrás de discentes que quisessem trabalhar na execução desta proposta, entrando em contato com discentes do Curso de Licenciatura em Pedagogia, uma discente se interessou e conseguiu ampliar a equipe que fez esta proposta acontecer, a mesma ficou responsável por fazer as compras do coffee break, no dia do evento, conseguiu com a diretora da universidade, livros para presentear as pessoas que compuseram a mesa de debates e o Ogã Jeam Junior que realizou a apresentação de toques de orixás no final do evento.

No dia do evento demos início com a apresentação da proposta pela autora deste TCC, tínhamos equipe executora para inscrições, coffee break, cobertura fotográfica e fílmica, pela manhã as 8 horas no auditório da Unipampa usamos especiarias e ervas para defumar o local, dando um axé e acolhida a todos que chegavam, começaram as inscrições do evento, indo até as 8:30 horas este horário começou a exibição do filme “ Quilombo dos Palmares” onde tivemos um público de 25

peças, as 10:30 horas paramos para o coffee break interação que foi até as 11:00 horas, neste horário passamos o filme “Batuque- uma visão antropológica com- Norton Corrêa”, onde tivemos um público de 27 pessoas assistindo atentamente, as 12 horas fizemos o intervalo para almoçar.

Voltamos as atividades as 14:30 horas com a mesa de debates até as 16:30 horas onde Wagner Scanagatta explicou sobre a cultura africana dentro do barracão de Candomblé, a formação dos cargos dentro do terreiro, onde trouxe a importância do cargo de ogã dentro destes espaços religiosos, mostrando que a musicalidade do ogã é o momento de ligação do homem com as divindades, nos trouxe a necessidade de abrir espaços onde possamos dialogar e mostrar que dentro da cultura afro-brasileira existem diversas nações onde cada casa cultua seus cultos específicos, com suas especificidades.

O pai Jean Chaves Da Silva, natural de Santa Cruz Do Sul, instrutor musical e residente na cidade de Jaguarão, onde possui casa de Candomblé compôs a mesa de debates, explicou no mesmo sentido do Pejigan Wagner, trazendo ao debate as feições específicas de um ogã dentro do terreiro, suas obrigações dentro da casa de Candomblé, deixando claro que o cargo de ogã existe somente no Candomblé, não existindo em outras nações de cultos africanos.

A doutora Marilú Angela May, docente adjunta da Unipampa, Campus Jaguarão compôs a mesa como mediadora, contando o tempo das falas dos africanistas que compunham a mesa e a plateia, conduzindo de forma perfeita a mesa.

Figura 1- Dra: Marilú Angela May mediadora da mesa.



Fonte: Cobertura fotográfica Gêssica Campos e Julio Felix, 2017.

Figura 2- Componentes da mesa Dra: Marilu May, Pejigan Vagner, Tata Jeam



Fonte:Cobertura fotográfica Géssica Campos e Júlio Félix, 2017.

As 16:30 aconteceu o coffee break onde todos aproveitaram para dialogar sobre a temática do evento. As 17:00 aconteceu apresentação de toques de Candomblé pelo Ogã Jeam Chagas Junior, demonstrando a diferença dos toques que existem para orixás dentro dos cultos candomblecistas. Na parte da tarde tivemos um público de 28 pessoas híbrido entre acadêmicos de vários cursos e povo de terreiro.

Para a realização desta proposta foi importante usar os conhecimentos adquiridos no curso de Bacharelado em Produção e Política Cultural, onde possuímos uma cadeira de Projeto Cultural III voltada a produção de eventos, trazendo todas as etapas, desde a pré- produção, produção e pós-produção, onde me empoderei das diferentes fases deste tipo de produção, me servindo de guia para a execução das diversas etapas que se encontram presentes nos projetos direcionados a eventos, a cadeira de Metodologia Da Pesquisa foi essencial no sentido de me descortinar como se escreve de forma acadêmica, tornando viável esta construção textual, a cadeira de Instituições e Espaços Culturais se tornou importante no sentido de trazer a visão sobre os locais possíveis de propor atividades culturais, a cadeira de Análise De Política Pública Em Cultura me trouxe amadurecimento para analisar minha temática e a partir daí trazer atividades que problematizassem a religiosidade africanista através da figura do ogã e a cadeira de TCC I que me deu suporte para construir este texto de conclusão de curso.

Para ajudar os acadêmicos do Curso de Bacharelado em Produção e Política Cultural, será importante que teoria e prática se comuniquem no intuito de formar um profissional da área da cultura, com capacidades de estar preparado para as eventualidades que possam acontecer durante sua atuação nas atividades propostas, se mantendo seguro para realizar ações de intervenção caso

necessite durante suas produções, podendo se desconstruir em relação a temáticas e locais para realizar suas propostas, se desinstitucionalizando e sendo estimulado a enxergar outras maneiras de trabalhar, outros públicos, outras necessidades dos indivíduos que precisam de uma ação específica, onde tenha que analisar o contexto, as especificidades de determinado público, onde ações são necessárias para abrir espaço para a dialogicidade e problematização de uma temática específica.

Em relação ao áudio do evento consigo destacar na explanação do Pejigan Vagner Scanagatta, primeiramente a importância de trazer que a África é um país muito extenso, que não é unificado, mostrando que se pegar diversas casas de Candomblé brasileiras notará que a cultura religiosa que ali está sendo cultuada pertencem a nações diferentes, sendo vindas de localidades geográficas distintas dentro do citado país, portanto possuem linguagens específicas, com cultura distinta, formas de cultuar diferentes, dentro deste contexto gera uma forma de falar, vestir, se alimentar que variam de acordo com o local de onde veio a cultura que está em evidência dentro de cada casa de Candomblé no Brasil, destacando a necessidade de perceber que a regionalidade na África é muito forte possuindo características próprias em cada região.

Figura 3- Pejigan Vagner Scanagatta



Fonte: Cobertura fotográfica Géssica Campos e Julio Felix, 2017.

Expôs de pertence a uma cultura Fon, cultura oriunda da África Oriental, de Benin e de Togo, cultura esta que chegou ao Brasil através da escravização dos negros, se estalando em Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, o forte se concentrou na Bahia como mão de obra, no recôncavo baiano para trabalhar na lavoura de milho e cacau, em uma dessas levadas veio a Ludumina Pessoa, era uma sacerdotisa na África na cidade de Marie, esta trouxe todo o culto da referida cidade para o Brasil, chega primeiro em Salvador e depois se instala na cidade de Cachoeira onde faz seu culto em uma

cultura Fon Jeje Marie, este processo de escravização era realizado de forma que os negros de uma mesma região aqui ficassem em localidades distintas, gerando com isso negros de culturas diversas dentro de uma mesma lavoura no Brasil, sendo uma mão de obra barata escrava, estes negros muitas das vezes eram inimigos na África, onde travavam guerras, de repente o negro se vê morando em um país que não fala sua língua, despreza sua cultura, se encontra com outros negros que vivem a mesma situação que a dele, oportunizando o negro se agrupar, surgindo assim as irmandades, que futuramente dão origem as casas de Candomblé no Brasil.

O negro que vinha da região da Nigéria que hoje cultua uma cultura de Angola, se encontrando com outro negro que tinha vindo da cidade de Ketu, que cultuava uma cultura diferente, acontecia que o negro advindo da Nigéria cultuava uma divindade que ele dava o nome de inkice e o negro de Ketu não dava nome, mas cultuava Ogum percebendo uma similaridade com as características do Ogum por ele cultuado e o inkice cultuado pelo povo de Angola, notavam que se tratava da mesma divindade, ai acontece o fenômeno de fusão de várias culturas da África, destacando que este processo aconteceu somente no Brasil, acontecendo a fusão de divindades com características parecidas, num primeiro momento os abolicionistas começam a agrupar estes negros e em segundo lugar abrem casas de culto, sendo um local onde poderiam viver o que viviam na África dentro do Brasil.

As casas começam a ser organizadas no Brasil em Salvador, no recôncavo baiano, surgiu o tipo de casa que se encontra espalhada por todo Brasil hoje, na África quando uma casa cultua Oxossi, ela cultua somente Oxossi de forma coletiva, já no Brasil a divindade passa a ser individual cada filho cultua sua divindade, na busca de achar locais para a realização de cultos é que as casas de Candomblé passam a existir, tendo uma estrutura física, uma organização, normas, preceitos que devem ser seguidos pelos adeptos das casas, ai dependendo da localização geográfica se dá a nomeação de cada cultura que está sendo cultuada, dependendo da nação que predomina no local que pode ser Fon, Jeje, Ketu, por exemplo, cada uma tendo sua forma de cultuar, com diferentes linguagens, musicalidade, casas que tem predominância yoruba passam a ser de ketu, possuindo características de culto yoruba na linguagem, musicalidade, culto, forma de rezar.

As nações de Angola, Xambá e Yjeja são nações que de Candomblé que foram agrupadas e pela predominância de negros de certa região seguiu-se determinada cultura, mas a influência de outras culturas é marcante, somando-se a isso temos a cultura do índio brasileiro incorporada nestas casas, em Salvador se vê casas que tem culto a caboclo, a divindades que faziam parte do índio, mais os elementos da igreja católica que entra com toda força porque a igreja realmente é um império que apoiou e manteve o processo de escravidão, para ela era interessante todo este processo de escravidão, por consequência aproveitou o culto aos deuses do homem branco é comum encontra o terreiro Nossa Senhora da Conceição, terreiro da Nossa Senhora da Boa Morte são nomes comuns

em Salvador e São Paulo tudo devido aquela estrutura cultural religiosa se torna comum encontra dentro das casas, gostaria de colocar um pouco de onde vem a cultura fon que aqui no sul é pouco disseminada, de pouco conhecimento, a gente tem mais publico do Rio de Janeiro para cima, onde tem mais casas Jeje Marie, tem mais casas que pensam esta cultura, no Rio Grande do Sul somos a única casa.

Estas colocações são para que vocês entendessem porque de fato os Candomblés, as casas de culto tem esta configuração que hoje a gente vê, uma casa de culto Jeje Marie existe uma divisão entre pessoas que entram em transe e pessoas que não entram em transe, transe entenda-se pela situação aquela pessoa que tem a capacidade de receber o sagrado da forma que for, espírito que chamamos de catiço, receber uma divindade, receber um santo, receber um orixá, que o nome que você quiser é esta pessoa que entra em transe e as pessoas que não entram em transe, a pessoa que não entra em transe dentro de uma casa de culto ela a mesma importância de uma pessoa que tem este dom de poder de receber o sagrado, mas ele vai receber designações, vai receber dentro da rotina da casa de culto funções que são diferentes.

A pessoa que entra em transe dentro de uma cultura Jeje Marie, ela recebe o nome de fundurço, ou seja, ela tem a capacidade de receber o sagrado, receber o santo, que se chama viver o santo, incorporar o santo, essa pessoa vai ser preparada, ela vai ser um líder religioso, com o passar do tempo recebe as obrigações, ele vai ter a possibilidade se assim o santo permitir e quiser de abrir uma casa.

A pessoa que não entra em transe, a pessoa que não incorpora, vai receber dentro da casa cargos que são específicos para que a casa tenha um bom andamento, se for mulher ela vai ser ekedi e o homem vai ser ogã, a ekedi vai ter diversas funções que correspondem as mulheres dentro do culto, da mesma forma que o ogã também tem as suas funções dentro do culto, o ogã é a pessoa que não entra em transe e que é responsável pelo bom andamento da casa tanto na parte material como na parte espiritual, o ogã é a pessoa responsável pela parte material por ter certeza que não vai chover na cabeça do santo, de arruma uma porta e também a pessoa responsável pela parte espiritual, não somente de manter, mas ter a capacidade de levar adiante aquilo que é imaterial.

Para cada função existe um ogã específico, eu sou Pejigan então dentro do culto e do andamento da casa eu sou responsável por cuidar os altares sagrados, quartos dos santos, parte dos espíritos, tudo aquilo que for sagrado, existe um local específico e eu sou responsável por manter estes espaços, existem outros ogãs que são responsáveis por funções específicas, existe o ogã responsável por confeccionar os instrumentos musicais, existe o ogã que no Candomblé e na maioria das nações são quase todas as nações são três atabaques, um imbi yle, que é o que dá a cadência para todo o toque, numa festividade, em uma cerimônia, numa liturgia que exija musicalidade, este é o atabaque da cadência, ai existe um ogã específico para o pessoal de Angola, de Ketu, esse é o alabê

em Jeje, para nós é o funtó, que é a pessoa responsável por essa parte.

Existe um outro ogã que é responsável pelas matanças, pelas obrigações, a matriz africana a liturgia é baseada em sacrifícios nas casas de Candomblé, estas passam por esta premissa, nelas vão existir sacrifícios e existem ogãs responsáveis por essa parte dentro do culto, existe o ogã responsável pelo sacrifício de animais de quatro pé, existe o ogã que é responsável por seccionar, separar a cabeça do corpo, o cargo de ogã a pessoa é preparada para aquela função, se pensarmos no sacrifício, não apenas um degolar, não é apenas um matar, as pessoas usam muito o termo matança, não é uma matança é uma liturgia, deve existir uma preparação da pessoa para o que vai fazer, a pessoa dá o sentido espiritual, senão nada mais é do que um ato mecânico material e aí você realmente está tirando uma vida, então a pessoa precisa estar preparada, ela recebe obrigações que são específicas para aquela situação, ela recebe aquilo que chamamos de axé, recebe a força espiritual para dar o sentido espiritual para aquela situação.

O gaité que dentro do Jeje, ele é responsável por seccionar a cabeça, ele fazer obrigações, vai receber obrigações na hora de sua feitura, quando ele vai ser abduzido, ele vai receber obrigações que são específicas para aquela função, eu quando passei pelo axé de feitura, recebi obrigações específicas é um cargo que é dado pelo santo da casa, é confiado por ele, e tem uma preparação específica na feitura passar por aqueles preceitos, fiquei recolhido, eu dormi na esteira, tomei banho de madrugada, para ter uma ideia quando eu fiz minha obrigação caiu no mês de junho, era muito frio, fiz no Rio Grande, não tinha desculpa as três da manhã tomando banho de ervas ao tempo, banho natural, o que é da tua feitura tu não foge do que é da tua obrigação para que o santo nasça, a gente não deixa de fazer, é feito de uma maneira diferente para que aquela função que você recebeu, você tenha força, para que você tenha axé para aquela função.

Existem várias funções têm um ogã que é responsável por colher folha, como assim colher folhas não é só tirar, você tem horários específicos, você tem formas específicas para você tirar, tem luas que você não pode colher, outra coisa que pode acontecer a força, energia da folha muita, então esta pessoa, este ogã responsável por colher estas folhas, ele tem que ter este conhecimento, e por consequência ele terá obrigações diferentes, são funções muito diferentes que existem, elas tem este intuito de poder manter a casa de axé, com todas as funções bem estabelecidas.

A pessoa que for preparada para ser um ogã percursionista de tocar, ele não é somente um percursionista, ele não é um músico ele é o ogã, ele sabe que a batida, a musicalidade, a forma como se canta tem a força de trazer o sagrado em terra, muitos santos respondem somente na batida do atabaque, como o atabaque, começa a musicalidade ele responde porque aquele atabaque foi confeccionado para o terreiro de Candomblé, ele foi consagrado a um santo, ele recebeu obrigações, foram feitas matanças, foi feito uma liturgia para que aquele instrumento não seja apenas um instrumento, é algo que vai chamar o sagrado, quando começa a bater couro, ele já está invocando

para que aquela força, aquele sagrado se faça presente no culto, no barracão, naquela liturgia para que possa, tudo é feito para que o axé se mantenha.

Por que de fato ter tantas funções, existe uma questão que é muito prática, a cultura do negro é muito democrática, todo mundo pode participar, tudo é muito parecido, não existe uma figura central que tudo recaia sobre aquela figura central, esta forma do negro muito diligente, muito bonita, independente da tua função você faz parte daquele sagrado, você é importante no momento que se está vivendo ai, ou seja, a pessoa não tem esse dom de receber o sagrado, mas ele tem realmente a função de trazer o sagrado, de fazer que o sagrado se manifeste naquele local, o ogã é a pessoa responsável por todo essa parte material e principalmente na parte que ela está ligada com o axé, então a função principal do ogã é está mesmo, qualquer um pode arrumar o teto, mas essa parte que envolve toda a ritualidade ela é mais complexa e mais importante porque ela vai além de um ato físico, ela vai na verdade, ela pressupõe um conhecimento, uma preparação e que tudo esteja perfeito naquele local.

Seguindo na extração da explanação do áudio da mesa de debates passo agora para a transcrição do Tata Jeam D Nkosi, a benção aos mais jovens, a benção aos mais velhos, comecei dentro de uma casa de Angola, tive uma trajetória, busquei conhecimentos, tive a felicidade de conhecer o axé de Jeje Marie, também de Pai Felix, Pejigan Vagner também agradeço muito, aproveitei o momento, mas hoje o encontro é sobre ogãs complementando o que o Pejigan falou sobre as culturas realmente a primeira cultura que veio para o Brasil foi a cultura Bando, de nação Angola, ai depois uns dizem que veio a cultura fon, e outros dizem que foi a yoruba, a segunda é a yoruba é que uma cultura sudanesa, yoruba é a língua, a fon veio no decorrer depois, a primeira foi a Bando que a cultura de Angola, de língua kinbumdo e a cultura fon que a língua é kinbundo também.

Figura 4- Tata Jeam



Fonte: Cobertura fotográfica Géssica Campos e Júlio Félix, 2017.

Ogã traduzido é uma palavra yoruba, traduzindo significa o senhor da minha casa, sendo senhor da minha casa o ogã é responsável só complementando, em outras palavras o ogã é os olhos do pai de santo, do zelador, da zeladora, o zelador as vezes ele virou o santo, mas o ogã, a ekedi estão ali são os olhos, o bom andamento, ogãs também são pais, Pai-Ogã, Mãe-Eketi, em Angola é kanbondo, é chamado a ekedi de makota, o ogã o iniciado para tal obrigação vinte e um dias na esteira, raspado, depois vem obrigação de um ano, obrigação de três, obrigação de cinco, sete, quatorze e vinte e um anos, isso é feito, resumindo o ogã nasce pronto, ele só precisa do elo do momento da cultura, o momento da saída de santo, de festividade no terreiro, a pessoa que é ogã, a pessoa que tem o cargo, mas não se iniciou em nada, resumindo chego o orixá da casa, um inkice ou vodum conforme a nação ela vai aponta aquela pessoa para o cargo, ai começa a trajetória de um ogã, já o ogã ele é privilegiado, muito privilegiado nos olhos do povo porque um dia ele tem que fazer uma obrigação muzenza em Angola, yao em Ketu, quando chega aos sete anos ele recebe o deca que é a cuia que se chama em Angola, a eketi também, as vezes em sete dias é preparado, só que também, eles não fogem do ensinamento, compreende só não viram o santo, não incorpora, não recebe, mas tem o santo como o Pejigan, o santo esta com eles, eles tem um sagrado naquele momento que foi feita a feitura

O ogã é muito importante para, uma vez estava eu e três ogãs de fora conversando ai começou o debate não existe pai de santo sem ogã, isso é coisa que se fala lá em cima, realmente não existe a nação sem o ogã, nem sem zelador pai de santo, outra coisa importante que o Pejigan falou que o ogã específico deitou axogum do sudanês, Ketu eles são para corte para ave na cultura Angola, cultura Bando, tem os Tata Pokó tem são ogãs de mão de faca, mesma coisa que axogum, bom resumindo então a função de um ogã é muito importante porque o ogã faz o bom andamento da casa, porque o zelador as vezes por seu tempo de santo, ele entrega as funções na mão do ogã e na mão da ekedi, certas funções ai ele vai só depois coordenar o andamento dos trabalhos, o que mais posso passa para vocês.

Tem o ogã chefe rum, rumpi e le, tem um ogã que se chama alabê responsável pelo bom andamento do toque que ele treinou com os outros, são três, não pode ser menos são três que tocam assim em saídas de santo, festividades, outra coisa muito importante que ele falou nós do Candomblé fizemos sacrifícios, mas nunca sacrifício de gato, não fazemos sacrifícios de cachorro, geralmente são aves, geralmente são cabritos, mas uma coisa mais importante a gente não corta por corta porque realmente é mais uma vida que a gente esta tirando ali, aquela vida que a gente troca com o sagrado por axé, aquele animal teve um pai, teve uma mãe, teve uma ancestralidade animal então a gente tem muito respeito com uma vida, muito respeito pelo que se está sacrificando para o sagrado, tem culturas que ate rezam para a ancestralidade do animal.

Candomblé é tão lindo que a gente preserva ate este momento que é o ato do sacrifício, preservamos as folhas, o Pejigan já explicou bem explicado o horário, lua, temos os ogãs também outra coisa muito importante, a vista do povo é privilegiado, ogã e a ekedi é o que mais trabalha em uma roça de santo tem que tá atento a cada detalhe, tem uma saída digamos de Yemanjá, enfim uma saída de santo, eles tem que tá com todos os preparativos prontos, eles tem que cuidar de todos os detalhes e atrás de todos os detalhes daquela saída está um tempo, dias e dias rezando de madrugada o yao filho está na esteira, é banhos litúrgicos de madrugada, como falou ele, são rezas amgorosis que chamamos em Angola, são rezas, são enfim ate aquela saída, aquele momento lindo, aquele momento sagrado, dia após dia é um ensinamento é um compromisso e é principalmente muito sagrado, tem que ser perfeito tudo.

Outra coisa importante o ogã eles para ser ogã primeiro tem que se aprontar com pai de santo, já traz o cargo, isso é dele, começa que o ogã, a ekedi são cargos que não viram o santo, mas tem o santo, eles são tão importantes que são chamados de Pai-Ogã e Mãe-Eketi porque eles lidam direto com o sagrado, é eles que enxugam o suor do zelador que está ocupado com o santo, no caso é ogã de zelador, o pejigan do santo de Ogum vai ter o cuidado de quando escorrer o suor, a ekedi principalmente de limpar o rosto, de zelar pela roupa, passar, deixar a roupa do Orixá prontinha para quando o Orixá virar, Orixá chegar no mundo, vai ser vestido parlamentado, as roupas também do

zelador da zeladora, ele vai se preocupa, ele vai ter todo zelo, todo carinho com aquele Orixá, eles são aprontados para aquele Orixá, isso é muito importante, mais ou menos o que eu posso contribuir é isso.

A decisa que ele falou a esteira é muito sagrada para nós candomblecistas, a decisa é rezada com o muzenza, o yao, no Jeje quando eles fazem obrigação eles ficam sobre a decisa, então esta decisa é sagrada, esta decisa é unicamente do Yao, que a gente não usa para nada a não ser nas obrigações do Yao da casa, muito importante o adjá instrumento de duas, três, quatro, cinco bocas ele é preparado, ele é rezado, por esse adjá é o instrumento da ekedi, digamos que a ekedi empreste o instrumento dela para o ogã se precisa usar, o zelador principalmente, mas o instrumento é da ekedi, quando o Yao quer que o santo dele venha, esse instrumento é preparado, nesse instrumento a ekedi tem o axé para fazer o Orixá do yao virar, chegar no seu filho ou filha Yao, tem culturas que o adjá é preparado ai a ekedi agarra tudo bem, mas vem alguém agarra o instrumento da ekedi, o que acontece automaticamente o santo desta pessoa vira, isto é fato.

Então Candomblé tentando resumir em poucas palavras têm uma cultura muito linda, tem uma cultura ampla, uma dedicação a natureza, o que seria de nós cultua Oxum ou Dandalunga em Angola, ou Oxum no Ketu sem os rios, sem água, sem água não tem como cultua Oxum, o que seria de nós sem o mar, sem as folhas de Osanha, por isso que se considera uma das religiões mais ecológicas do mundo, porque a gente tem amor a natureza, toda casa de Candomblé, que vocês forem ou vão, vocês vão ver plantas, vão ver árvores, vão ver enfim folhas e todas aquelas folhas têm uma história, ou servi para tal santo por isso que tem o ogã que cuida as folhas, ele tem um cuidado sempre que se precisar de folhas para uma obrigação, Lemba, ele conhece as folhas de Oxalá, ele sabe o momento certo, ele sabe o horário, sabe que não é em qualquer hora que vai poder.

Como eu digo tudo que é bom tem que ser preservado, Candomblé sem o ogã é complicado, é difícil, quem vai tocar, quem vai colher as folhas, imagina podre do zelador, pobre da zeladora para fazer tudo dentro do barracão, cozinha para o santo, arranca folha, guinar, macerar, tocar o atabaque ele precisa do ogã e muito importante, a ekedi, todos são importantes dentro do seu contexto, todos são importantes.

Depois desde momento começou a interlocução com a plateia onde transcreve algumas perguntas.

Figura 5- Público



Fonte: Cobertura fotográfica Géssica Campos e Julio Félix, 2017.

A primeira pergunta foi direcionada para o Pejigan Vagner indagando-o qual a importância e como se dá a criação das canções quando o santo é incorporado, onde cada santo tem a sua canção? Primeiramente transcrevo a explicação de Pejigan Vagner: Na verdade as canções não se criam, a musicalidade no Candomblé ela é imprescindível, se você pensa Candomblé sem música, sem comida, sem cores não tem como, a música tá presente todo o instante, ou seja, na batida de um instrumento musical, ai existem vários instrumentos, sendo que no Brasil os mais usados são o atabaque, o agogô e o adjá, a musicalidade tem uma ligação muito íntima com toda religiosidade, ou seja, você pensa Candomblé e não pensa música, não tem como dissociar, não tem como separar porque as duas são intimamente ligadas, assim como a batida de um atabaque ou de um agogô ou de o toque do adjá tem a capacidade de fazer com que o sagrado se faça presente, a música também, ela é feita do dialeto próprio de cada casa ela conta de passagens daquela divindade, daqui um pouco vai ter uma reza que vai falar da decida de um Ogum que era o rei que governou a cidade de Oniré nas montanhas, ele desce a montanha para poder governar Oniré, vai ter uma reza específica contando aquela passagem, assim como vai ter uma outra divindade que aquela reza vai contar, por exemplo, o momento em que Oyá socorre o reinado do Xangô, essa música, esta reza vai contar aquela passagem então são rezas bonitas, mas não é uma música de verdade, ela é uma forma de lembrar aquela passagem dos santos, dos Orixás e dessa forma você poder invocar, você poder pedir porque na verdade a grande jogada, a grande diferença da religião africana é que o sagrado se faz presente entre a gente, essa manifestação do sagrado entre as pessoas é o que tem de mais

importante como pressuposto você não precisa ser um doutor, nem ter faculdade, você não tem que ter dinheiro, você não tem que ser alguém conhecido, o santo se manifesta na pessoa e acabou, não depende do que você é, independente da cor que você tenha, independente da opção sexual que você tenha, independente se você é gordo, se você é magro, se você é negro, se você é branco, o santo se manifesta e pronto, o sagrado se faz presente na sua vida, então assim você pensar no sagrado, pensa uma divindade africana e desvincula da música não tem como, a musicalidade esta presente em todos os momentos, a pessoa chega no terreiro de Candomblé e da paó, já é uma sonoridade ela bate palmas, mas ela é compassada, tá cumprimentando o sagrado daquele local e já está vivendo uma musicalidade, então a musicalidade esta presente no dia a dia de uma roça de Candomblé, só para ilustrar roça é o local onde é feito o culto, na casa de Candomblé, esse termo roça é porque assim, os Candomblés no início eles aconteciam em lugares muito retirados das cidades nos quilombos literalmente era em roça, era no interior, o negro não tinha espaço na cidade e eles se viam obrigados a irem para o interior, onde podia tocar atabaque, ter os apetrechos, ter os atiças, ter as armas sagradas para poder fazer o culto dele, esse termo foi passando para a cidade, os Candomblés se urbanizaram, ninguém mais esta na roça praticamente, mas aquela cultura que era, ela permaneceu nas casas de santo que são chamadas de roça e a musicalidade é muito importante, você tenta separar, tenta tirar este aspecto da religião africana acabou com ela, ela é muito viva, muito alegre, se você pensar em alegria, você tem que pensar em festa, você tem que pensar necessariamente em música, você tem que pensar em instrumento que esteja tocando porque é uma passagem, não tem como você dissocia ela é intimamente ligada e de extrema importância.

Sobre este ponto transcrevo a explanação de Tata Jeam D Nkosi então as cantigas a gente chama dentro dos abassá, dos terreiros a gente chama de cantigas para o sagrado, nossos santos, nossos orixás, nossos inkices, nossos voduns a gente faz as rezas dentro do roncó é um diferente do que a gente canta para o sagrado chega, virar no seu filho, a reza inicia com a reza começa dentro do roncó para iniciar o yao ate a trajetória dele chegar a ser um tata orixá, um babalorixá, um inkice, começa dentro do quarto de santo e depois segue no salão, ali a gente tira as cantigas do santo, como ele disse a música, a musicalidade dentro do Candomblé é muito forte, muito viva, se não tiver ela a cultura brasileira também muita coisa assim ate para os antigos seriam proibidas se ver cantar alguma coisa ate na Bahia nos axés lá nos afoxés lá, resumindo é muito sagrado, a reza de dentro do roncó, sabaji é no Jeje, resumindo é muito sagrado, é muito fechado, é isso ai obrigado.

A segunda pergunta foi: A diversidade religiosa por si só já gera muitos conflitos, eu vi, notei na fala de vocês que há um respeito muito grande dentro do Candomblé, a partir disso a gente nota que é algumas casas têm rituais diferentes das outras e com vertentes diferentes também, gostaria de saber se há esse conflito dentro do Candomblé e como vocês fazem para lidar com este tipo de situações? Tata Jeam D Nkosi começou a resposta: Bom é o seguinte tem certo conflito tem sempre

assim, vou te dar um exemplo nada a ver com religião, tem aquela rivalidade grêmio e inter, não tem rivalidade tem mas, um não vive sem o outro, a casa de religião infelizmente tem, vai muito também assim da cultura do zelador, ou recebeu da cultura causa um certo desconforto as vezes, mas como lidar é procura não sentir a religião, é procura viver a religião, observa, uma coisa na minha trajetória religiosa, eu tive muitas alegrias, discussões, alegrias novamente graças a Deus e ao meu santo, e essa trajetória me deu para mim uma experiência, que se vê, mesmo que para mim seja errado e para ti é certo, hoje pode é bom, tá te fazendo bem, a sensação tá bem segui cultuando o que tá te fazendo bem tá, só que o problema é isso aí, por exemplo, de ogãs mesmo a tese aqui é ogãs, todo mundo é ogã, tu abre o face e lá em Porto Alegre, lá é ogã fulano, ogã ciclano, ogã beltrano pode perfeito é ogã vou disser o contrário não estava ali não vi, mas na hora de junta uma cultura, onde tiver um debate, as pessoas tiram suas próprias, como se diz, conclusões então cabe a nós zeladores de santo cultua o que a gente acredita para evitar o conflito, mas que tem-tem infelizmente, eu mesmo tenho face, já me disseram assim a pai Jeam por que o senhor não faz um face separado um só para religião, deixando a vida pessoal separado não a minha vida é a religião, meu santo, minha família e o que eu gosto de fazer na cidade música, resumindo no meu face mesmo eu não discuto com ninguém, falam abobrinhas, falam isso ou aquilo, digamos que falam ou não falam também não me interessa, eu me preocupo comigo se todos agissem assim talvez ia quebrando um pouco da rivalidade, daquela coisa a gente tem que viver a religião para nós, mas que tem infelizmente tem. Agora transcrevo a fala do Pejigan Wagner, concordo com o Jeam e esta é uma questão que é muito presente nos terreiros, existe uma briga por beleza errada e que vai muito na contra mão da nossa ancestralidade, eu acho que isso é um problema de Brasil, influencia do branco na verdade na cultura negra, o negro não é assim, você vê que existiu tribos rivais que viviam em guerra na África e estando em uma situação igual no Brasil, eles conseguiram disser caramba é hora da gente para de brigar, se unir realmente e ter um espaço para a gente ter o nosso culto, essa pluralidade ele é bonita, ela é interessante, ela existe porque de fato vieram para o Brasil negros de regiões diferentes, de culturas diferentes, de culto muito diferente, então são situações assim, o que acontece hoje, as pessoas de certa forma acham que a casa do fulano tem que ser igual à minha casa, que tem que fazer o culto tal qual eu faço, tu tem que fazer o teu culto, tem que vive a tua cultura, esse entendimento não tá existindo nas casas, eu acho que ao mesmo tempo não deve passar um princípio que todo mundo tem que ser igual, não tem o porque, não deve e não pode ser são culturas diferentes, eu insisto nisso, uma cultura diferente, uma forma deferente de cultua que não tem que ser levada como a mesma coisa, isso vai além de julgar se é bom ou ruim, se é melhor ou se é pior, cultura boa e religião boa é aquela que serve para mim, você é de angola parabéns seja feliz, mas para mim Angola não serviu eu me encontrei foi no Jeje Marie, é minha cultura, é minha vida e eu vou vive isso agora lá na Angola eles tem uma forma diferente de cultua, eles tem uma forma

diferente de sacrifica, de usa rezas, de toca, os preceitos são diferentes, muitas culturas, por exemplo, sacrificam um animal de mão um carneiro, na minha cultura isso é um grave erro, a gente não aceita nunca é uma quizila, para nós é um animal consagrado e a gente não se dá o direito de sacrifica, mas isso é meu, agora o camarada que faz eu olho para ele e vejo se tá tudo certinho na vida dele, agora se eu fizer isso minha vida vai desanda, porque na minha cultura é o preceito que devo seguir, não posso disser tá errado o que tu tá fazendo porque na cultura dele tá tudo certinho, essa pluralidade que existe ela deveria ser um motivo que de fato para nos unisse, para nos congregasse, mas ela termina sendo motivo para nos separa, infelizmente, existe isso não é tão simples assim de lidar porque é assim, você tem uma casa e na tua casa tem pessoas de outras culturas, o que você não pode deixar é se influencia, a tua cultura é a serve para ti, se não serve para outra pessoa é um detalhe, mas servi para ti segui na tua cultura, o time que tá vencendo você não meche, deixa ele vence e pronto, existe este problema e de contra partida existe uma pendência, não é legal, não é certo, é errado tenta transforma o culto em uma coisa, não é, o culto de Angola é diferente do culto Nagô, o Xanda que é diferente do Jeje, não tem nada a ver, dentro da África tem alguns aspectos que são semelhantes, mas são diferentes, então você não pode realmente disser que é a mesma coisa, é uma dificuldade que existe, é um problema grande que existe e não é fácil de lidar, a gente vai indo com jogo de cintura e vai levando.

Passo agora a transcrever a pergunta três, antes de tudo peço na minha pergunta se parece muita ignorância para vocês me desculpa, porque realmente não é uma área que eu tenho muito conhecimento eu estou aqui para conhecer, também para filmar, assim a gente sabe que o Brasil passou por um processo histórico de invisualização de muitas culturas, a predominância da religião sempre está ali é evangélico, católico é os cristãos né, ai levando para o sentido do que é o evento que é ogãs músicos e místicos, queria que vocês falassem um pouquinho mais sobre quando esses músicos, eles saem dali daquela região do terreiro, da roça enfim e vai para outros campos para poder mostrar o que é feito de música, enfim se existe isso, se não existe, se tem essa parte porque é do TCC da Helena que é de produção cultural e eu queria saber quais os laços assim com a produção cultural e com a busca de mostrar essa diversidade religiosa que tem no país, que vem sendo invisualizada a muito tempo e fora isso eu fiquei com uma curiosidade assim, no momento acho que foi o Vagner que estava falando que o ogã ele é o homem e a ekedi que é a mulher? Começou respondendo o Pejigan Vagner, mas a ekedi é dentro do Jeje, para a Angola é makota, é um termo que existe uma fusão, mas cada um tem a sua identidade, por exemplo, o povo de Ketu também usa este termo, é uma palavra própria do Jeje, mas que o Ketu também usa ekedi. A autora da pergunta, agora pergunta mas, é para designar homem e mulher, eu queria saber assim é a curiosidade que eu fiquei é o que acontece quando você tem uma pessoa ali uma pessoa que é LGBT, e que as vezes não se definiu, que é transexual porque tem essas religiões costumam ser mais abertas, receber

melhor que algumas outras, eu queria saber como é a relação assim da religião com a LGBT e como que funciona assim, quando a pessoa não tem bem um gênero definido, se vai pelo biológico, como que acontece é uma curiosidade assim? O Pejigan Vagner seguiu sua resposta, vamos por partes assim você pediu, a questão da musicalidade então é assim o Sul é muito fechado, as pessoas são muito difícil você coloca um afoxé na rua, por exemplo, você pegar a musicalidade que existe no terreiro, que existe na roça, você leva para a rua, você apresenta para as pessoas não tão simples assim porque as pessoas não aceitam, as pessoas dizem isso é coisa de preto, isso é coisa de negro, coisa de gente feiticeira, as pessoas têm essa resistência, esse preconceito, todo mundo vai na benzedeira, não tem problema todo mundo quer saber de jogar, jogo de búzios, todo mundo quer saber qual a pomba gira que te atendeu, mas ninguém aceita a religião, existe um preconceito ele é intrínseco, ele é próprio da cultura e no Sul é muito mais forte, assim por exemplo, você pega na Bahia é um caso a parte é um extremo, você saiu tocando agogô na rua, você já faz sucesso aparece um cara e grava uma música e você fica multimilionário, mas assim um meio termo eu acho que é em São Paulo entendeu, então você conseguiu fazer sair para a rua, você conseguiu tem espaço, tem abertura para você possa manifesta, para que você possa demonstrar esta sua cultura, você vai suprimi dias, mas tem este espaço, neste sentido eu acho que é um pouquinho mais equilibrada no centro do país, a Bahia ele é unânime festa em si ela é tranquilo, não tem problema, o problema é se você não for assim na verdade, onde é uma situação oposta, com relação aos cargos a religião Candomblé, a cultura do Candomblé aceita você como você é, se você é japonesa, negra, alemão, mestiça não tem problema o Candomblé te aceita, a mas eu sou gorda vai te aceita, eu sou magricela vai te aceita, eu sou uma menina, mas eu gosto de menina não tem problema quem tem que gosta é você, eu sou menino e me relaciono com menino não tem problema, agora existe uma premissa aqui que não pode ser mudada se você nasce mulher, você é mulher, e a tua opção sexual é tua, o que você quiser ser não tem problema, mas a tua natureza ela não pode ser mudada, você nasce mulher e gosta de vestir igual um homem, eu gosto de mulheres não tem problema, dentro do Candomblé tu vai ter funções que são de mulher, no Candomblé você vai usar saia porque você é uma mulher, o mesmo para o sexo masculino, você particularmente é casado com outro homem, tua natureza é masculina, no Candomblé você vai ter uma função e cargos de homem, você usa saia e não se senti bem, existem algumas coisas que norteiam a natureza você nasceu dessa forma, na verdade você tem outra opção sexual, ninguém nasce gay, não é também diferente, ninguém é doente, mas você optou por uma outra situação e tá bom, tá legal, é a opção que você fez, tem que respeita a opção que tu fez, mas a tua natureza é feminina então você vai exercer funções femininas, existe um discussão muito grande porque no Rio de Janeiro um terreiro deu um cargo, função de ekedi para um transexual, eu acho que vai além é um discussão que não vai ter fim, as casas mais tradicionais, se você é de natureza feminina você vai ter funções e cargos de mulher, se você é masculino você

vai ter de homem, agora a tua opção sexual não tem nada a ver, ninguém questiona, ninguém fala da tua opção sexual, se você começar a criar este tipo de regra, então não pode ter branco porque é uma cultura de negro, tem até japonês virando com santo, tá legal e é aceito, mas é uma opção que tu faz, mas a tua natureza só diz respeito a tua natureza. Sigo com a explanação de pai Jeam D Nkosi, vamos primeiro a primeira pergunta, aqui no Rio Grande do Sul é muito fechado principalmente na zona sul para cá cidades pequenas, hoje eu consigo andar vestido, vou no supermercado se tiver que ir enfim, mas a primeira vez que eu entrei vestido como zelador eu e o meu zelador de Salvador, todo mundo fez bah, e me olhavam de cima abaixo, algum me abanavam, outros riam, outros ficavam cochichando, então tu tem que ficar tranquilo é um ambiente tranquilo, aí o pai de santo disse se tivesse a ekedi tal da Ynhaçã já estaria perguntando o que vocês estão cochichando de mim, mas é complicado a musicalidade entrou e está entrando aos poucos, tipo musicalidade de capoeira, muitas cantigas que cantam no canto da capoeira, são cantadas em roda de catiço, principalmente de boiadeiro, rodas de Jurema, não é a cabocla Jurema é um culto que é feito pelo povo de Ketu no nordeste, resumindo esta entrando aos pouquinhos, na capoeira eles fazem os batizados, nas rodas de capoeira tocam as cantigas, berimbau entra na roda, sentam, dançam na roda, eu presenciei uma roda de capoeira de corda, cada um tem seu apelido, e um pai tirou uma fiança depois da capoeira que diz assim meu filho não é preto, para estar com esse nome e andar, aquilo para mim foi uma bofetada na cara, ele tirou a criança, a criança adora capoeira, tirou, o que significa que tem pessoas que respeitam, mas tem pessoas que o cérebro é um grão de ervilha e alguns é menor ainda, mas cada um é isso aí aos poucos esta entrando, mas se senti muita barreira, bom e sobre posso disser assim a opção de cada um é de cada um, eu tenho uma menina na banda municipal, hoje ela está na minha casa, ela sofre preconceito dentro da sua própria casa, eu só disse para ela assim tu es quem tu es não seja o que os outros queiram, o que vale é o teu caráter e as tuas atitudes, agora tua opção seja quem tu é não deixa ninguém mudar, tinha problema dentro da escola, problema para tocar instrumento não estava conseguindo porque aquilo estava muito crítica a coisa, resumindo os próprios familiares moravam com outro casal de familiar, tive a chance de conversar com esta pessoa e hoje, esta assoprando o instrumento bem melhor de som, dá gostando do que tá praticando então, agora dentro da casa de Candomblé isso é antigo tu pode chegar agora no barracão se tu gosta de vestir de menino e o menino gosta de se vestir de menina até a porta de fora pode vir tranquilamente, da porta para dentro tem que se vestir conforme a natureza, o que o Candomblé preserva é a natureza do ser humano, a pureza que Olorum nos deu, o que Zambi nos deu, agora tem muita modernidade e isso aí é assunto para muito e muito tempo e a mim, anos aqui não cabe.

Passo a transcrever a quarta pergunta boa tarde meu nome é Lucélia eu foi criada dentro da religião católica, mas eu aprecio, eu respeito todas as religiões em muitos aspectos aqui do município de Jaguarão, temos muito o costume de usar o termo terreiro, tem muitos terreiros dentro

do município, e a minha pergunta seria por curiosidade mesmo, qualquer um pode instituir um terreiro na sua casa ou uma instância maior que autoriza o cidadão a fazer isso dentro do seu pátio, enfim onde ele quiser instituir um terreiro? Pejigan Vagner responde, na verdade é assim, eu também venho de uma família católica e não somente isso, em determinado período da minha vida, na minha adolescência eu decidi que queria ser padre, perto dos quatro anos, mas depois eu me encontrei tanto é que na verdade ninguém queria responder minhas perguntas e nessa minha busca de fato e foi no Candomblé que eu acabei encontrando as respostas, eu passei a estudar, passei a conhecer e hoje a minha vida é o Candomblé, então mudou muita coisa na minha vida em função da minha opção de religião, como é que funciona a questão da abertura de casas, existem duas situações, existe a que você tem que a permissão espiritual e a outra é a permissão legal, você então assim para você abrir uma casa, existem vários passos que na verdade o negócio hoje é meio cabuloso, meio obscuro, você vai na internet, você busca informações e você já é dirigente de uma casa, você já se acha no direito de abrir uma casa, muito errado porque é assim, isso é uma questão histórica, existem registros a cultura do culto as divindades africanas elas já vinham a mais de 5.000 anos isso é comprovado, como funciona isso, não existe nada escrito de como essa cultura perpassou por tantos e tantos séculos que estamos chegando a milênios passando de uma geração a outra, o que justamente como é que funciona, é o respeito a aquilo a que eu respeito, então é assim existem passos que não podem ser quebrados para você ter uma casa, estou falando do âmbito espiritual, você a bacana eu quero fazer parte desta cultura, quero fazer parte do Candomblé, você vai se achega a casa, você vai passar ser agiã, que é a pessoa que frequenta a casa, mas ela não tem ligação com a casa, então você vai saber das rotinas da casa, mas você não vai ser iniciada no culto, com o passar do tempo, passado os anos, você conhece e diz olha eu quero fazer parte, então o zelador, o pai de santo, o tata inkice, de o nome que você quiser para o dirigente, ele vai jogar e saber se realmente você é uma pessoa que pode fazer parte ou não, aí ela vai ser iniciada, se ela é rodante ela vai receber as obrigações de yao, de iguimoro, iguiboqui em Angola ou vundunci dentro do Jeje, essa pessoa recebe obrigação por ela ser rodante, todo o rodante recebe obrigação, recebendo com sete anos ela recebe o deca, deca significa que ele recebeu do santo o direito de abrir a casa dela, ela já tem força espiritual, ela já tem conhecimento para poder abrir uma casa espiritual, ela da casa que ela está hoje, sai com o santo dela e ela vai constituir uma casa própria, ele vai fazer os filhos, vai ter toda uma todo aquele espaço, toda aquela organização que ela tem na casa matriz, ela passa a ter na casa dela, só que assim isso era muito fácil a cinquenta anos atrás, hoje é complicado porque hoje tem que ter um alvará, assim você precisa estar ligado a entidades que representem o rito e na maioria das vezes eles só querem tirar dinheiro mesmo de alguma mensalidade para você estar ligado sei lá a congregação brasileira de culto afro, existem muitas dessas entidades e a maioria delas é só para poder tirar dinheiro da gente, tem que tá ligado a um desses órgãos e depois tem que

solicita o teu alvará e aí é uma bronca muito grande, você tem que atender mil exigências que na verdade são entraves que são colocados para que isso não funcione, resultado a maioria dos terreiros funciona de forma, sem um alvará, sem uma liberação, sem nada e existe um problema sério que você dentro de uma legalidade, você tá ilegal, pode acontecer uma fiscalização e fechar o terreiro, mas para você conseguir realmente a legalização é muito complicado, por incrível que pareça para homem, para mulher, são situações caras a minha casa é muito pequena, meia dúzia de filhos, por exemplo, tal eu não tenho condições, então fecha tua casa, então as pessoas preferem ficar nessa situação que é irregular, mas estas situações são colocadas, detalhe grande problema existe hoje, as casas se tornaram urbanizadas, e dentro do contexto urbano, e de certa forma as pessoas também querem ir, mas em contra partida existe um pouco de receio das pessoas, tá fazendo batucada às três da manhã, o teu vizinho tem o direito de ter um sono tranquilo, existem muitos problemas eu acho que a grande bronca que existe de verdade é assim as pessoas que são de um culto afro não se unem para poderem terem representatividade, hoje por exemplo, a gente acompanha a situação dessas igrejas e dos crentes, eles não pagam imposto de nada, abrir uma igreja é a coisa mais simples que existe e é muito, mas muito dinheiro, mas eles têm representatividade, eles elegem quarenta, cinquenta deputados estaduais, eles têm a câmara de deputados é eles que comandam, então eu acho que o povo de terreiro, povo de santo tem que começa a tomar consciência de que as diferenças existem, mas tem que servi para congrega também se a gente tem alguém que nos representa, nossa situação é mais simples, tu só quer fazer teu culto é só isso que tu quer fazer, não tem necessidade, por exemplo, tem que fazer plano nacional de incêndio, tem que ter hidrante agora no Rio Grande tem isso e muitas das vezes esse troço custa mais caro que o salão que o cara tem, salãozinho simples, mas os caras exigem, é totalmente descabível isso, mas o caminho realmente para tu fazer, se fosse for regulariza passo a passo realmente tem que ter a parte espiritual e ela é própria de cada nação e depois a parte material é extremamente complicado.

Passo a transcrever a resposta de Tata Jean D Nkosi, você falou que tem muitos terreiros em Jaguarão certo, se todos podem, se você tiver meu endereço tu pode, sim e não, sim hoje em dia tem pessoas, tem que saber separa tem umbanda, quimbandas é uma religião, as casas de Candomblé é outra religião, as casas de batuque é outra religião, as que mais se aproxima como eu digo são na não temos cinco dedos e todos correm na mesma direção Deus, aí depende muito de quem está preparando aquelas pessoas na religião delas, quem tá dando a doutrina no caso de umbanda e quem tá se iniciando nas casas de Candomblé, se são pessoas bem-intencionadas vai saber espera o tempo, no Candomblé tempo eu falei aqui yao, ingossi, quibono, quiborossi, muzenza é filho que tá recebendo a obrigação de sete anos, resumindo tem que saber respeita o tempo como é, fazer direitinho quando chega o determinado tempo, de receber a cuia em Angola, deca na outra nação aí sim se o zelador da casa, o orixá da casa através do jogo e de alguma coisa mais, tiver certeza que

ele está preparado, ele vai poder abrir, se ele não estiver preparado, o próprio santo da casa vai dizer espera mais um pouco, é assim que funciona as casas de Candomblé, não é eu raspei hoje o santo, raspo ai já abro a minha casa, é como uma criança, tu deixaria a tua casa durante um ano para o teu filho governar a tua casa, quem tem filho pequeno deixaria uma criança de quatro, cinco anos governar a sua casa, não tem como a mesma coisa é na religião, tá se iniciando, a gente tem sim que se iniciar no santo, agiã fica só olhando não faz nada, uma vez que ele já entrou já muda a figura, já vira muzenza, yao, deca já tem algum preparo, algum ensinamento para lá adiante poder fazer santo nas pessoas, poder raspar as pessoas, ensina os angórosis, ensina folhas, ensinar enfim um monte de coisas tu no tempo certo dentro do Candomblé.

Figura 6- Dra: Marilú May, Pejigan Vagner, Helena De Oliveira, Tata Jeam e Everton De Oliveira



Fonte: Cobertura fotográfica Géssica Campos e Julio Felix, 2017.

Depois deste momento tivemos uma pausa de trinta minutos para o coffee break e às dezessete horas o Ogã Jeam Junior, realizou a apresentação de toques de Candomblé, onde podemos perceber que cada divindade possui seu toque específico, com suas especificidades, não sendo nenhum toque igual aos outros e cada toque sendo usado dentro do Candomblé para saudar um sagrado, não podendo ser usado para outro sagrado, este momento teve a regência de seu pai carnal e pai de santo Tata Jeam D Nkosi, que foi nomeando os toques que estavam sendo executados.

Figura 7- Ogã Jeam Junior



Fonte: Cobertura fotográfica Gêssica Campos e Julio Felix, 2017.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como considerações finais destacam a importância de os indivíduos que estão realizando projetos em espaços da universidade, manterem se abertos ao dialogo com os demais envolvidos na proposta, com os funcionários da academia e com os terceirizados na busca que poderem sanar carências que estejam acontecendo no espaço a devido tempo, para que tudo aconteça em perfeita ordem, evitando contratempos que podem ocorrer a qualquer momento durante uma execução, a equipe executora é de suma importância nesta hora.

A necessidade de o pesquisador ter tato na hora do contato com povos de terreiro é de fundamental importância para que consiga realizar atividades propostas para este publico alvo, devendo em sua saída a campo, estar aberto para mostrar a proposta, mas também escutar os pontos que estão carecendo de uma problemática, na busca que conseguir propor algo sólido, que possa realmente tratar da temática da cultura afro-brasileira de forma inteligente, abrindo o espaço para que a diversidade presente nessa religiosidade seja trazida para o debate, descortinando o leigo instigando-o a enxergar que esta temática abriga várias culturas africanas.

O produtor cultural deve estar pronto para os imprevistos que podem acontecer durante a execução de sua proposta, quando fechamos a programação, largamos a divulgação, devemos estar preparados para ter que intervir a qualquer momento, realizando trocas que se tornam necessárias mesmo que na última hora, ter o sangue frio e ir a campo ate o último momento para que consigamos realizar nossa proposta de forma eficiente, sem fugir da temática proposta e do nível do comunicador que buscamos a substituição, focando em alguém que o substitua de forma paritária.

Quanto à escolha dos materiais que serão usados destaco a necessidade de buscar aqueles que tratem da temática, sem fazer misturas entre as diversas linguagens da cultura afro-brasileira que serão apresentadas para o publico, não correndo o risco de deixá-los mais confusos, mas mostrando que cada casa de terreiro é diferente, trabalha de forma diferente, cultura de forma específica com suas especificidades que são normais dentro destes espaços religiosos que abrigam culturas distintas. Na exibição fílmica tivemos os mesmos indivíduos nas duas seções.

Quanto à mesa de debates posso destacar na explanação do Pejigan Vagner Scanagatta, a projeção historiográfica do negro desde que viviam na África, suas formas de viver, sua cultura, seus cultos, passando pelo processo de escravização, onde foi trazido para o Brasil, trouxe consigo suas culturas para dentro da senzala, trazendo suas formas de cultura o sagrado, se estabelecendo em certas localidades geográficas brasileiras, e formando seus cultos com os demais negros que aqui estavam na mesma situação, derivando deste processo as roças de Candomblé no território brasileiro, possuindo o mesmo formato que na África, mas com cultos mais hibridados pela interação com outras nações religiosas de matriz africana que vieram para cá no processo de

escravização.

O Pejigan trouxe os cargos que existem dentro do Candomblé, onde trouxe a necessidade e importância de cada cargo dentro deste local onde se cultua o sagrado, tratou todos os cargos com igualdades, sendo para ele todos importantes na hora do culto ao sagrado, para manter o espaço físico de forma adequada para que se possa realizar a sagralidade para a qual aquele espaço foi construído, nos trouxe que o ogã é um cargo masculino, que só existe na cultura do Candomblé, nos mostrou que é um cargo amplo, que existem vários ogãs dentro deste local, mas que cada ogã tem sua feitura e suas especificidades, existindo por exemplo, o ogã que cuida das folhas e o ogã responsável pela musicalidade da roça de Candomblé, este cuida da música e dos instrumentos que são construídos para o sagrado e que para tanto tem suas feituas específicas.

O pai Jeam Chaves Da Silva explanou, trazendo as culturas africanas que vieram para o Brasil, trazendo suas nomenclaturas, as localidades geográficas na África de onde vieram estas culturas e de que nações religiosas pertencem, trouxe as línguas faladas por esses povos, nos relatou a feitura de um ogã dentro da roça de Candomblé, esclarecendo que é um cargo específico do Candomblé, destinado aos homens, com suas feituas próprias, com conhecimentos específicos, e sendo de suma importância para a realização de cultos ao sagrado dentro do Candomblé, para ele se não tem ogã não tem Candomblé, colocou vários cargos como, por exemplo, ogã de faca, ogã que toca, ogã de folhas para nos mostrar que existem vários tipos de ogãs nos tirando o pensar que o ogã é somente responsável pela musicalidade da casa, mostrando que cada ogã tem uma responsabilidade diferente dentro da roça de Candomblé, sendo essencial para que o culto ao sagrado aconteça, não incorporam santo, são escolhidos pelos orixás.

Trouxe-nos a necessidade que a cultura de Candomblé tem em cuidar da natureza sendo para eles os orixás ligados a localidades onde a natureza prevaleça, usando tudo que tem no meio ambiente para banhos, aprontamentos, feituas, não sendo possível cultuar o sagrado desta cultura sem o que a natureza oferece destas folhas, flores, caules, raízes.

Na interlocução com a plateia foi feita a primeira pergunta: Qual a importância e como se criam as canções para o sagrado?, o Pejigan colocou que as canções não se criam, que Candomblé não existe sem musicalidade, ambos andam juntos, não dissocia musicalidade e religiosidade dentro destes locais sagrados, nos traz o atabaque, o agogô e o adjá como os instrumentos mais usados no Brasil, trouxe que a musica é feita do dialeto próprio, contando passagens de determinado orixá, e traz que se você tirar a musicalidade da cultura do Candomblé ele não existe mais. Na explanação de Tata Jeam D Nkosi, ele relata como é o processo de cantar estas cantigas, desde dentro do quarto de santo ate o salão onde filho de santo vira o santo, traz que a musicalidade dentro da roça de Candomblé como algo muito viva e muito forte, colocando que para os antigos era proibido cantar como cantam hoje nos afoxés baianos.

Quanto a segunda pergunta: Se tem conflitos dentro dos Candomblés e como fazem para lidar com isso? Tata Jeam D Nkosi, colocou que tem rivalidade religiosa infelizmente, mas que uma cultura não vive sem a outra, trouxe que uma forma de lidar com isso é viver a religião e não sentir a religião, procurando observar e fugir de situações que gere desconforto, cabendo aos zeladores de santo cultua o que se acredita para evitar o conflito. O Pejigan nos trouxe que isso é influência do branco na cultura do negro, diz que existe briga ate por beleza indo contra o que a ancestralidade propõe, trazendo que o conflito é gerado onde existem várias culturas, com cultos diferentes que e onde uma casa quer ser igual à outra, sendo que falamos de nações diferentes cultuando seu sagrado conforme sua nação que é de uma forma específica e com suas especificidades.

Quanto a terceira pergunta: queria que vocês falassem um pouquinho mais sobre quando esses músicos, eles saem dali daquela região do terreiro, da roça enfim e vai para outros campos para poder mostrar o que é feito de música, eu queria saber quais os laços assim com a produção cultural e com a busca de mostrar essa diversidade religiosa que tem no país, o ogã ele é o homem e a ekedi que é a mulher, queria saber como é a relação assim da religião com a LGBT e como que funciona? O Pejigan começou a mostrar as várias nomenclaturas que usam as diferentes nações africanas para estes cargos, sendo cargo cargos masculinos e femininos, quanto a musicalidade este colocou que aqui no sul é complexo colocar na rua a música que se tem no terreiro, gera nas pessoas certo preconceito onde olham como coisa de preto e de gente macumbeira, já na Bahia ele colocou como outra situação lá a musicalidade faz sucesso, em São Paulo ele coloca como um meio termo lá tem espaço para que se passa se manifesta. Com relação aos cargos ele coloca que o Candomblé aceita você como você é não importa sua cor, raça, altura, peso, condição financeira, idade, opção sexual, só que na roça de Candomblé você vai ter cargos conforme a sua natureza. Pai Jeam D Nkosi, colocou que aqui no sul é muito fechado principalmente em cidades pequenas, que hoje já consegui andar na rua vestido de zelador, mas que antes não era bem assim, expôs que a musicalidade esta entrando aos poucos pela capoeira, que as cantigas que cantam na capoeira são cantadas em algumas terreiros de boiadeiro, por exemplo, esta entrando com barreiras, resistências, quanto a opção sexual explanou que a opção sexual de cada um é própria de cada um, se você se é de uma natureza e se veste como outra que você pode chegar assim vestido ate a porta do terreiro, mas que lá dentro tem que se vesti conforme sua natureza e tu terá cargos da sua natureza.

Quanto a quarta pergunta qualquer um pode institui um terreiro na sua casa ou uma instância maior que autoriza o cidadão a fazer isso dentro do seu pátio, enfim onde ele quiser instituir um terreiro? O Pejigan responde existem duas situações, existe a que você tem que a permissão espiritual e a outra é a permissão legal, traz a ligação de pessoas hoje com a internet e que se acham no direito de ser dirigente de terreiro só pelo aprende na internet, coloca que o culto as divindades vem de mais 5.000 anos, explana sobre todo o processo de feitura de um filho no Candomblé

colocando que é um processo que leva anos, seguindo os passos da espiritualidade, destaca também os entraves legais colocados hoje para que você não consiga se legalizar, onde tem toda uma parte burocrática cara e inacessível aos pequenos terreiros que levam estes a trabalhar na ilegalidade, até chegar um fiscal e fechar o terreiro, traz a necessidade do povo de terreiro se unir para ter representatividade. Tata Jeam D Nkosi traz a importância de ter em mente que cada terreiro é de nação diferente, com culto ao sagrado diferente, que temos que saber esperar o tempo de feitura de cada terreiro, que depende se a feitura está sendo feita por pessoas de bem-intencionada e que no Candomblé tem que saber esperar o tempo da espiritualidade, que tem vários saberes a serem passados, mas no devido tempo.

Notei com todas essas colocações que o propósito de evento foi atingido tivemos acadêmicos e povos de terreiro, os palestrantes conseguiram explicar sobre as diferentes culturas vindas da África, com suas formas diferentes de cultua o sagrado, trouxeram coisas peculiares do Candomblé como os cargos e a importância de cada um, nenhum existindo sem o outro, a finalidade realmente não era trazer discussões entre os povos de terreiros presentes no local e sim abrir um espaço para que se enxergue as diferentes nações religiosas que resistem dentro dos terreiros até os dias atuais, os participantes do evento nos acompanharam até o final mesmo sendo um sábado, o momento dos toques foi crucial para se entender a diferença entre cada divindade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Leonardo Oliveira de. *Eu sou o ogã confirmado da casa: ogãs e energias espirituais em rituais de umbanda.*, p.85-86, 2014. In: < Diss. www. teses. ufc. br > Acessado em: 20 de out. 2017.

ARAÚJO, Patrício Carneiro. **Trajetória das religiões afro-brasileiras ou: “como chegamos até aqui?”**, 2013, p. 14. In: < www2.unifesp.br/proex/novo/santoamaro/docs/cultura_afro_brasileira/Afro.pdf > Acessado em 29 de set. 2017.

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. Editora brasiliense, 2017, p. 7-8. In: < https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/31345423/37250902-O-que-e-cultura-popular.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1506731202&Signature=3EhMb%2FSqGem%2F4uf%2BvahvmOuDO%2BA%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DO_que_e_Cultura_Popular.pdf > Acessado em: 29 de set. 2017.

BEZERRA, Karina. **História geral das religiões**. 2011. In: < www.unicap.br/observatorio2/wp-content/uploads/2011/10/HISTORIA-GERAL-DASRELIGIOES-karina-Bezerra.pdf > Acessado em 15 de set. 2017.

BRASIL, 1988. **Artigo 215**. In: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm > Acessado em 11 de ago. 2017.

BRASIL, **Lei Federal 12.343/2010**. In: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12343.htm > Acessado em 11 de ago. 2017.

COSTA, Paulo Sérgio Sousa. **É ASSIM QUE SE CANTA PRO SANTO: ASPECTOS ETNOMUSICOLÓGICOS DE UMA FESTA DE SANTO**. In: Anais eletrônicos do XVI Congresso Brasileiro de Folclore - UFSC, Florianópolis, 14 a 18 de outubro de 2013. p. 5-8. In: < http://www.labpac.faed.udesc.br/e%20assim%20que%20se%20canta%20pro%20santo_paulo%20s%20costa.pdf > Acessado em 20 de out. 2017.

Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal/Gilberto Freyre ; apresentação de Fernando Henrique Cardoso.- 48° ed. rev. - São Paulo: Global, 2003. - (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil: 1) In: < http://www.usp.br/cje/anexos/freire_gilberto_casa_grande_senzala.pdf > Acessado em 28 de nov. 2017.

Confederação Nacional de Municípios – **CNM Planejamento e Financiamento para a Gestão Pública Municipal de Cultura – Brasília**: CNM, 2017, p.11.

DE ALMEIDA, Andre Luiz Monteiro. **“ A MÚSICA SAGRADA DOS OGÃS NO TERREIRO DE UMBANDA” OGUM BEIRA MAR E VOVÓ MARIA CONGA” DA CIDADE DE ITABERAÍ: Representações e Identidades.**” 2013, p.70-71. In: < http://mestrado.emac.ufg.br/up/270/o/Andre%CC%81_monteiro_dissertac%CC%A7a%CC%83o.pdf > Acessado em 29 de set. 2017.

DE INTRODUÇÃO, A. Guisa. **SOCIEDADE CIVIL EM GRAMSCI: Venturas e Desventuras de um Conceito.**, s.a., p.05. In: <http://www.historia.uff.br/estadoepoder/7snep/docs/001.pdf> Acessado em 09 de nov. 2017.

DE REZENDE, Adrielle Camila Oliveira; PACHECO, Eduardo Guedes. **Pedagogia do tambor**.

Seminário Nacional de Arte e Educação, n.25, p. 389. In: <
<http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/article/view/407>>Acessado em 01 de nov. 2017.

DOMINGOS, Marília De Franceschi Neto. **Laicidade: o direito à liberdade.** *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 8, n. 19, p. 54, out./dez. 2010. In: <
<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/viewFile/P.2175-5841.2010v8n19p53/2608> > Acessado em 1 de set. 2017.

GUILLAUMON, Siegrid. **Gestão de turismo, cultura e identidades religiosas: ensaio de um novo conceito com base na compreensão do território.** Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo, v. 6, n. 2, 2011. In: <
<http://publicacoes.unigranrio.com.br/index.php/raoit/article/view/3495>>Acessado em 6 de set. 2017.

LIMA, Emanuel Fonseca. **Refugiados ambientais, identidade étnica e o direito das mudanças climáticas.** *Prisma Jurídico*: São Paulo, v. 9, n. 2, p. 376, jul./dez. 2010. In: <
<http://www.redalyc.org/pdf/934/93418042008.pdf> >Acessado em 1 de set. 2017.

MANDELI, Maíra de Lima. **Liberdade Religiosa.** Faculdade de Direito de Presidente Prudente, São Paulo, 2008. In: <
<http://intertemas.toledoprudente.edu.br/revista/index.php/Juridica/article/viewFile/688/706> >Acessado em 15 de set. 2017.

Relatório do Desenvolvimento Humano, 2004. **Liberdade cultural num mundo diversificado.** Lisboa: Mensagem, p.1, 2004. In: < <http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr2004-portuguese.pdf> >Acessado em 16 de set. 2017.

VOGT, C. (Org.) **Ciência, comunicação e cultura científica.** In: Cultura científica: desafios. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2006.p.24-25.

NOTA SOBRE ESTE TEXTO ACADÊMICO

Este texto nasce de um artigo acadêmico “ Pedagogia Cosmocena: aproximações com o Candomblé na ilustração de fundamentos para uma Educação Ambiental Popular” publicado na Edição Especial do XIX Fórum de Estudos e Leituras em Paulo Freire- 2017 da Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental (REMEA) do qual comecei as aproximações com o Candomblé através de pesquisa bibliográficas sobre esta temática específica. Estas pesquisas me levaram a construção e publicação do referido artigo em com autoria com o doutorando Everton Fêrrêr De Oliveira e doutor Vilmar Da Silva Pereira, me abrindo para a curiosidade sobre saber mais sobre este tipo de religiosidade.

Onde me levou a propor para meu TCC, um evento intitulado 1º Encontro de Ogãs de Candomblé: músicos e místicos, contendo apresentação fílmica e mesa de debates onde o povo de Candomblé pudesse explanar sobre sua religiosidade, cultura e políticas ligadas ao povo de terreiro, abrigando como publico alvo todo povo de terreiro e os acadêmicos da Universidade Federal Do Pampa, Campus Jaguarão-RS.

Esta proposta tem esta nomenclatura porque pretendo seguir este projeto e propor anualmente um evento mudando o recorte do ogã, prosseguindo com a temática sobre Candomblé, pois sinto como Produtora Cultural a carência de diálogos sobre as problemáticas da sociedade atual, onde há a necessidade de abrir espaços para que estes povos mostrem sua cultura e trabalhem as novas composições dos grupos dentro dos espaços urbanos.

Esta mesma investigação abriu espaço para minha proposta de projeto de pesquisa para concorrer ao Mestrado de Educação Ambiental em Espaços Não Formais, na Universidade Federal do Rio Grande, onde ainda estou no processo de seleção.